A CANOA DE OUINA

AMADEU ANTÓNIO

A CANOA DE OUINA

E OFERENDA DE NATAL

Cheia de Flores para os Queridinhos da Terra
Dada através da sua médium
"Water Lilly" (Sra. Cora L. V. Richmond) 1882

PREFÁCIO

Esta canoa, ou pequeno livro, carregado de flores para os mais pequeninos, é o primeiro livro que alguma vez enviei. Muitos contos e poemas escrevi e recitei; mais do que caberiam em cinquenta volumes, e, se a minha pequena canoa vos agradar, queridos meninos, virá outra a seguir.

São apenas flores da beira do caminho; as minhas próprias grinaldas de um ano, enfiadas sem motivo especial — senão o de falar do belo em tudo e conduzir a mente das formas e palavras de beleza para a alma do belo, que é divina. Confiando o meu barquinho às correntes e abrigos dos vossos pensamentos amorosos, envio-o como o meu "Presente de Natal" e o meu voto de "Feliz Ano-Novo" para todos vós.

DEDICATÓRIA

Viste a lua nova a cintilar,
no céu do lusco-fusco a repousar?
Não parecia branca embarcação,
de alturas altas vindo navegar?
A lua de prata é a minha canoa,
com flores claras que a vós abençoa.

Vistes curvado e tenso o arco,
por mão invisível no Alto erguido,
enquanto setas de luz, ao largo,
correm, guiam o vosso caminho perdido?
O arco é a Verdade, firme e boa,
as setas são raios do Amor que ecoa.

Vistes as estrelas a despontar,
como malmequeres de brilho leve,
a pestanejar para a terra escura,
acendendo a noite, que já se atreve?

São olhos de anjos em claro brilhar,
de Paraíso a vos contemplar.

Fostes à espera das flores de abril,
e vistes brotar folhas, botões,
ouvistes pássaros num trilo sutil,
visteis calêndulas cheias de dons?
Os vossos sonhos, qual primavera,
são flores de anjos que a alma espera.

Vistes a cria aprender a voar,
e, sempre perto, no céu profundo,
os pais a amparar, a ensinar,
se cai no chão, no chão do mundo?
Assim vos guiam pai e mãe queridos,
assim os anjos — sempre atrevidos.

Vistes a chuva bater no chão,
mandar-vos casa e estragar a brincadeira,
e, contra o céu, num carrancudo não,
pedir que cesse a gota traiçoeira?
Chuva é bênção para a flor sedenta,
lágrima lava o olhar que alenta.

Vistes as nuvens, velo branco,
chegarem qual hoste angelical,
e recordar irmã, irmão tão franco,
naquela casa do Bem imortal?
Quando os pensais "mortos", não vos deixaram:
estão convosco — só se velaram.

Sentistes então vontade de orar,
um breve rogo por quem amais,
por quem não tem amor a amparar,
pedindo a Deus carícias e mais?
Vossa oração é estrela caída,
flor branca de anjo oferecida.

Pensastes algo bom ao brincar,
ou gesto doce fizestes, rindo,
que vos pôs a cantar, a saltar,
de alegria o dia todo fluindo?

Os vossos anjos chegam ligeiros,
quando sois bons, sois verdadeiros.

Minha canoa e todas as flores
são pensamentos brancos que vos trago,
são recados de meigos amores,
são canções que, cantando, afago;
se me enviareis doces ternuras,
levo-as de volta nas minhas alturas.

Minha morada é o estado do Espírito,
vivo com anjos no lar celeste;
o que possuímos nasce do mérito,
por isso à Terra venho, e me veste.
Com pensamentos erguemos moradas,
e, com sementes de amor, arcadas.

Não nas estrelas, nuvens ou lua,
mas nos vossos corações e mentes
eu venho — e a luz se faz mais nua
no que o meu carinho vos apresente;
que o meu sentido em vós se insinue:
pensar mais puro — eis minha canoa que flutue.

A HISTÓRIA DA VIDA TERRENA DE OUINA

Há mais de trezentas "harvest moons"***** o meu povo vivia onde nascem as cabeceiras do rio Shenandoah, e os seus terrenos de caça eram o vale por onde esse rio corre. O meu pai era o Chefe da nação Shenandoah, e ela tomou o nome, tal como o rio, do nome dele. Eram gente pacífica; os seus únicos inimigos eram os Kanawah, que viviam para poente e por vezes faziam guerra por pilhagem ou vingança contra o povo do meu pai; mas há muitos anos não havia guerra entre eles, e o nosso povo era próspero e feliz. O Grande Espírito, "Gitchu Manitou", concedera-lhes os terrenos de caça e o rio; estes davam caça e peixe para alimento; as peles de urso e de veado, e as de todos os animais que abatiam para comer, serviam para os *wigwams*; enquanto, com a casca do vidoeiro, com peles fortes e com a resina do pinheiro, faziam as suas canoas para os conselhos.

***** *Uma "harvest moon" corresponde a um ano.*

Duas vezes em cada "harvest moon" viajavam até à beira-mar para colher conchas para "wampum" e peixe do mar para alimento; depois tornavam ao

abrigo das colinas até chegar o tempo de nova jornada ao mar. Uma vez, estando o nosso povo junto ao oceano, levantou-se uma grande tempestade; um poderoso Manitou de terror varreu as águas; viram então uma grande ave branca, de asas brancas, vir para terra e depois afundar-se nas águas escuras, sem nunca mais tornar à tona; creram que era o Espírito da Tempestade. Mas, desfeitas as nuvens e brilhando de novo o sol da manhã, o meu pai viu uma mulher a boiar nas águas, e as ondas trouxeram-na à praia.

Não conseguia falar, de tão aterrada e exausta; mas as mulheres deitaram-na sobre um leito de peles macias, aqueceram-na e deram-lhe de comer; e o curandeiro trouxe ervas de cura, e depressa pôde falar — ainda que as suas palavras fossem estranhas. Era muito bela, e o meu pai tomou-a por esposa, amando-a ternamente e trazendo-lhe toda a oferta do oceano, todo o dom de amor. As mulheres amavam-na e acreditavam — como o meu pai — que fora enviada por "Manitou", o Grande Espírito, para ser sua mulher; quase a adoravam, e a fama da sua beleza e bondade espalhou-se longe.

Mas ela definhava e empalidecia de dia para dia, embora jamais se queixasse. O meu pai contou-me que, todas as manhãs e tardes, ela ia a um regato perto do *wigwam* e entoava um hino estranho e doce. Aprendeu a língua do nosso povo e contou-lhes de uma terra para lá do mar, onde viviam os seus; e que o navio em que vinha tinha velas brancas e era construído como uma enorme canoa; que o seu pai era o chefe (comandante) do navio, e que todos a bordo pereceram na tempestade; o seu pai prendeu-a ao mastro quando o navio se afundava para nunca mais voltar à tona, e ela flutuou até à costa. Falou-lhes de Deus, o Manitou que o seu povo adorava, e mostrou-lhes uma cruz que trazia ao peito, símbolo do amor de Jesus pelo mundo.

O meu pai admirava, de longe, estes pensamentos novos e estranhos; mas não os compreendia. E, passado um ano ("harvest moon"), quando a minha mãe morreu, fiquei eu para o consolar. O nome da minha mãe era Cleona ("a rosa de coração sangrante"), porque morreu de hemorragia pulmonar, e o nosso povo acreditava que o sangue vinha do coração.

Quando os meus olhos se abriram para a vida terrena, a minha mãe soltou o último suspiro na Terra. A minha infância passou entre cenários da Natureza; no *wigwam* do meu pai tinha um leito quente de peles e de musgo e folhas secas onde repousar; tinha um assento de tronco de pinheiro, coberto de peles; tinha bagas e folhas brilhantes, penas, pedras e conchas para o meu "wampum".

Eu não conseguia comer carne de ave, nem de peixe, nem de espécie alguma; tudo o que tivesse de ser morto eu não podia comer; por isso colhia frutos

silvestres e nozes e milho (que era plantado em redor dos *wigwams*) e vivia disso.

As aves vinham ao meu chamado, porque eu imitava os seus cantares, e voavam em torno de mim, sabendo que não lhes faria mal. O veado selvagem comia na minha mão, e até os ursos não me tocavam para me ferir, mas iam-se embora. Eu caminhava muito, sozinha, pela floresta, sem medo, e o meu povo dizia que um Manitou me acompanhava.

Ao crepúsculo eu ia ao regato onde a minha mãe costumava ir, e ali ouvia a sua voz a cantar o hino que cantara na Terra; o meu povo também ouvia a voz e nunca se aproximava, com receio de me fazer mal e afugentar o espírito da minha mãe. Segue-se o hino que a minha mãe cantava e cujo sentido o seu espírito me ensinou:

HINO

Ó Mãe sagrada, escuta esta oração,
ó Jesus, ouve-me em toda a criação;
aqui na mata, ó Deus, meu alto Rei,
da tua serva o humilde culto eu darei.

Ó Amigo do Céu, chega-te — estou só;
inclina o ouvido do teu trono, com dó;
não me deixes murmurar nem ceder, Senhor;
leva-me ao lar, a Ti, ao teu esplendor.

Todas as tardes eu ouvia este canto e depressa o aprendi; mas estava noutra língua, e o meu pai não lhe sabia o sentido. Eu queria contar-vos toda a minha infância feliz: como os esquilos eram meus amigos e, sobre a minha cabeça, nos ramos, chilreavam e partiam as nozes; e como a toupeira e as corujas compreendiam o que eu lhes dizia. Quero que saibam isto, porque, se forem bondosos com tudo, nada vos fará mal.
Era isto que os pássaros e as folhas costumavam cantar:

Canção das Aves e das Folhas

Doce, doce, canta-nos, doce, sim;
vem a filha do Chefe Escarlate aí;
mal não nos fará — pés leves, de cetim,
desliza sobre as flores; ó água, ri!
Canta qual sua voz — tão doce, sem fim;
tiu-í, tiu-í,
troló, troló, assim.

Farfalhai, tremei, batei as mãos,
vós, folhas todas, em mil canções;
que ela vos cinge em faixas carmim,
no outono de ouro que chega a mim;
nunca uma flor colhe no seu jardim,
nem folha usa na orla do vestim;
farfalhai, caí,
a seus pés, todos aí.

Tagarela, tagarela, como vais tu?
abanai as caudas, lépidos, sem tabu;
vede — ela chega; dai-lhe passagem, nu;
que canta e fala com terna aragem;
esquilo, leirão, toupeira ao sol,
vinde apressados de cada oco e tojal;
tagarela, tu-u-hú, tagarela sem parar,
ó que bulício tão bom de escutar!

A HISTÓRIA DA VIDA TERRENA DE OUINA

Certa vez, ao crepúsculo, enquanto eu assim comungava com o espírito de minha mãe, chegou uma mensagem estranha, vinda dos terrenos de caça do mundo dos espíritos. Nessa mensagem ela disse-me que o povo de meu pai seria disperso como as folhas da floresta no outono, quando varridas pelo vento; que o poderoso Kanawah reunira todas as suas forças vindas da terra do ocidente (Virgínia Ocidental e Ohio) e que desceria sobre nós com grande guerra, como aves de rapina gigantes, matando e espalhando os bravos e guerreiros de Shenandoah.

Disse-me que caçadores e guerreiros da terra dos espíritos viam canoas do mar, poderosas, com asas brancas como enormes aves marinhas, a atravessar o grande oceano trazendo guerreiros de rosto pálido, como o povo dela, os quais expulsariam todos os Homens Vermelhos, tomando-lhes os terrenos de caça e os rios. Depois, minha mãe cantou o hino de que vos falei antes e, abençoando-me, partiu para o seu lar no espírito.

As mulheres, à porta dos seus *wigwams*, ouviram a sua voz. Eu vi a sua forma afastar-se e vi a minha própria forma refletida no regato; era como a dela, só que mais esguia.

Na manhã seguinte, meu pai chamou-me para me sentar junto dele no conselho; abstive-me de falar — não dormira toda a noite, receando o efeito da mensagem sobre ele.

"Porque está triste a minha filha, porque murcha e empalidece o Lírio da floresta? O Manitou falou com ela junto ao regato, e em todo o vale se ouviu a doce voz do canto ao Grande Espírito; fala, filha, e nada te fará mal."

"Ó meu pai, digo-te a verdade, mas calei-me para que a minha mensagem não te entristecesse nem afastasse o teu coração da tua filha; mas isto foi o que vi e ouvi: minha mãe veio ao regato, como é seu costume ao crepúsculo; vi a sua forma, ouvi a sua voz mais claramente do que nunca; disse: 'Diz a teu pai que a mensagem vinda dos terrenos de caça do Manitou é de perigo; diz-lhe que Kanawah vem com muitos guerreiros poderosos, da terra do ocidente, para matar o seu povo; diz-lhe que serão dispersos como as folhas da floresta, que o grande Shenandoah e o seu povo perecerão; diz-lhe que velas brancas vêm do país além-mar, da terra do meu povo terreno; diz-lhe que há tristeza para os seus conselhos, mas que ele é valente e o Manitou o recompensará.' Pai, foi isto tudo o que ouvi; cantou-me o cântico de louvor, abençoou-me e depois partiu."

No conselho estavam os bravos, os guerreiros e os chefes; nos *wigwams* as mulheres preparavam uma festa. Meu pai não disse palavra; acenou ao conselho, levantou-se e retirou-se do povo. Eu segui-o, mas ele não me falou; não proferiu palavra, não comeu; a festa não se preparou; os bravos ficaram um pouco mais afastados e os chefes reuniram-se em conselho. Durante três dias e três noites meu pai guardou silêncio. Por três dias e três noites não falou à filha. As mulheres evitavam-me, os chefes olhavam-me com ira, os bravos mantinham-se longe; mas um vigiava e guardava os meus passos: era o mais veloz, o melhor caçador, um valoroso guerreiro. Ai de mim, eu não sabia o que vinha aí; vagueava pela floresta de dia e procurava o meu lar solitário à noite; então as mulheres tinham pena de mim e diziam: "O pai afastou-se dela; que fará o Lírio da Floresta?"

Passados sete dias e sete noites, e sem que meu pai tivesse dormido ou tomado alimento, convocou um conselho; mandou acender as fogueiras; chamou todos os chefes, bravos e guerreiros. As mulheres ficaram ao longe ou nas suas tendas e tiveram pena de mim, pois meu pai não me chamou ao conselho nem falou à sua criança. Meu pai rompeu o silêncio e disse:

"Sacámos e guerreiros: como a corça para o veado, como a águiazinha para a ave-mãe, como a lua para a noite, como a flecha para o arco do caçador, assim era a criança, a filha do chefe, para o seu pai. A luz dos seus olhos, o sol do seu

coração, a única alegria da sua vida. Ela não podia caçar, não podia ir à guerra, não podia ser chefe nos nossos conselhos; mas era mais do que isso, pois o Manitou deu-lhe a forma de mulher, mas a alma de um deus; e ela via com os olhos do espírito e ouvia os conselhos do Manitou.

Os nossos conselhos foram guiados pela sabedoria, o nosso povo prosperou, os nossos caçadores trouxeram caça abundante e tivemos milho e também alimento do mar; mas agora, ai de nós, ela traz uma mensagem de desgraça; o Manitou bom abandonou-nos; não traz palavra de alento para o pai, nem louvor para os guerreiros; foi visitada por um Manitou maligno. Vi o sinal no olho de uma águia branca; esperei sete sóis pelo sinal; significa morte.

"Guerreiros, o coração do vosso chefe está quebrado, mas ele não chorará como mulher; o seu Lírio, a sua corça, tem de ser tirada dele, pelo seu povo e pelo seu bem; caso contrário, esse espírito de trevas, esse Manitou que vem para vos causar mal, beberá o sangue vital do meu povo."

Assim falou meu pai e sentou-se. Um ergueu-se no conselho, quando ele terminou; jovem e esguio, o seu corpo vergava como árvore nova da mata; as palavras eram fogo:

"Por que haverá o Lírio de perecer? Por que matar alguém tão novo e terno? As próprias flores a amam, as aves respondem ao seu chamado, os esquilos vêm ao seu encontro; até a serpente a teme e esconde o aguilhão e o veneno; foi bondosa e formosa, não fez mal a ninguém. Ó chefes, por que havemos de matá-la? Retirai o édito cruel!" E os jovens bravos responderam: "Não deixeis que o Lírio pereça; não mateis a vossa única filha."

Mas os chefes e *sachems* reuniram-se junto de meu pai e responderam: "O poderoso chefe falou." E meu pai disse: "Eu falei."

Então foram escolhidos vinte jovens bravos, os mais certeiros na caça; mandaram-nos preparar as setas com o veneno da mandrágora; e as *squaws* (chorando e lamentando) foram obrigadas a trazer achas e empilhá-las junto do *hemlock*; (choravam e pranteavam por mim então, chamando-me "princesa assassinada".)

As mulheres pegaram nas minhas vestes e amontoaram-nas sobre as achas — os meus mantos e peles e tudo o mais; deixaram-me apenas um pobre cobertor, um cinto à volta do corpo; obedeciam a ordens. Enrolaram o meu cabelo comprido ao tronco do *hemlock*; tocaram fogo às achas, e os vinte foram mandados disparar as suas setas; dezanove setas trespassaram o meu corpo; um bravo (aquele que, no conselho, pedira a minha vida) disparou para o ar e

lançou-se às chamas, perecendo comigo. Não sofri dor; o espírito de minha mãe acolheu-me.

Assim terminou a vida terrena; e juntos, o jovem bravo e eu passámos para os terrenos de caça do espírito. O choque da morte não foi doloroso, pois a presença de minha mãe me tirara a consciência exterior antes que as setas me atingissem o corpo ou que as línguas de fogo me consumissem. Suave e amorosamente, minha mãe atraiu-me para si; mas eu não podia repousar apenas no seu amor — ainda tinha um dever a cumprir.

Quando o ato se consumou e as fogueiras da morte arderam, quando os jejuns e as festas terminaram, meu pai foi tomado de medo e, antes que muitos sóis corressem, o poderoso Kanawah e os seus hostes precipitaram-se sobre eles. Como carambelos eram as suas setas; como nuvens rubras ao pôr do sol, as suas plumas; avançavam sem cessar, ocultando-se nos matagais, abatendo um a um os mais bravos guerreiros de Shenandoah; como folhas dispersas pelo vento, como árvores partidas pela rajada — assim foram os meus parentes, assim o povo de meu pai.

Depois outros adoeceram, a caça rareou e, no verão, os cursos de água da serra secaram. Exausto, abatido e cheio de remorsos, meu pai encaminhou os passos, com um pequeno bando de seguidores, para o lugar onde sacrificara a filha e, quando o sol outonal brilhava, vermelho e dourado, sobre o *hemlock*, quando o último raio partiu, pousou a cabeça sobre uma pedra e morreu — o seu espírito passou à terra do espírito. "Morreu de coração quebrado, de grande dor, remorso e solidão."

A primeira a recebê-lo fui eu, a filha. Ele cobriu o rosto com as mãos para afastar a visão da criança assassinada, mas eu sorri para ele e, pouco a pouco, fui atraindo-o para fora da desolação, cobrindo-o com as flores do perdão, com o manto suave da caridade, até que adormeceu em paz, para se erguer por fim à utilidade e à alegria. Por muitas luas da Terra (embora no espírito não contemos o tempo por luas) assisti-o, e ele foi curado da doença do luto; por muitas luas partilhei a tarefa do jovem bravo que deu a vida antes de matar o "Lírio da floresta"; e, juntos, partimos dos terrenos de caça de meu pai para a casa de minha mãe.

Ela então chamou-me Ouina ("perdida e reencontrada") e, ali, fazendo o bem a outros, e também aos da Terra e aos dos estados inferiores que requeriam o meu cuidado, comecei o jardim do espírito — o lar que tantas vezes vos descrevi. Muitas "*harvest moons*" vieram e passaram; mas, se visitardes as nascentes do Shenandoah, vereis um outeiro em forma de cone, coberto por

densa mata; esse outeiro é o meu monumento, porque, sempre que o meu povo ia e voltava do mar, lançava uma pedra no lugar onde fui morta, em memória da "Princesa ferida de Shenandoah"; e, quando atravessardes o rio da morte, eu estarei com a minha canoa branca para vos levar ao lar de Ounia.

UM RÉQUIEM PARA OUINA

(Cantado sobre a sua sepultura.)

AS FLORES CANTAM

Dorme, donzela, dorme; o lírio abre no chão,
o orvalho da violeta verte em teu lugar a emoção;
a Rosa quer depor seu lume sobre o teu pó,
perfumar o teu jazigo com incenso casto e só;
dorme, donzela, dorme.

AS ÁGUAS CANTAM

Repousa, ó donzela; embalo te havemos de dar,
suave como a nota materna, como a do mar a cantar;
sobre o teu leito havemos de entoar doce canção,
cada gota coroando-te a fronte com luz de clarão;
repousa, donzela, repousa.

AS AVES CANTAM

Doce — ó doçura em flor — calou-se a tua voz;
já não nos chega ao sopro que pelas brisas vem até nós;
longe, na solidão, a rouxinol geme também;
nós cantamos o teu louvor — dorme, ó bem-amada, bem;
doce, dorme em doce paz.

O PINHEIRO CANTA

Gemei, ó pinheiros, gemei; cantai réquiem sem dor,
o grave monotono ano, que traz saudade maior;
mas deixai brando o som subir ao éter, ao céu,
que a alma lá se enlaça e o seu espírito ascendeu;
cantai, pinheiros, cantai.

O OCEANO CANTA

Louvai, ó águas, louvai, prodígios do grande abismo;
erguei em hinos a voz — não onde dorme o corpo, o crispo —,
mas onde, em ondas de som, tocais sua alma encantada;
abundai nos cânticos vossos, rompa a maré sublimada;
canta, oceano — ruge e canta.

TODA A NATUREZA CANTA

Cantai, alegrai-vos cantando o amor que a morte conduz;
que é esta a voz do Céu, acima de todo o sopro que a luz;
cantai, flores, aves e arvoredos; cantai, natureza, astros em ars;
soai, Plêiades vivas; canta, Marte em fogo e ar;
exultai pela morte — exultai.

A ALMA CANTA

Louvor imortal e amor ao doador de todo o bem,
Rei nos reinos do alto, alma do ermo também;
uma promessa de vida eu trago: pela morte — à vida além;
quer a alma sempre cantar hinos de amor que não tem fim;
canta, ó alma — ó espírito, canta.

UM CONTO DE FADAS

Um raio de lua, retardado, brilhou sobre um regato e pousou numa gota de orvalho; ali ficou até que todas as suas irmãs, as luas, tivessem passado pelo céu. Então, do oriente, veio um dragão de fogo: os olhos eram órbitas de chama, a cauda uma flâmula ardente. A fadazinha tremeu, pois não sabia reencontrar o caminho de volta às faixas de luar. Daí a pouco chegou a jovem Aurora e a Estrela da Manhã; mas o dragão continuava no oriente, e a Fada do raio de lua ficou à espera de ver a vida da Aurora e da Estrela da Manhã engolidas pelo dragão. Veio então o sol, e um tênue raio de Sol tombou onde a fada do luar, desfalecida de medo, esperava.

— Que fazes aqui, fada do raio de lua? — disse ele.
— Atrasei-me, respondeu ela, e agora não encontro o meu lar.
— Porque te demoraste? O luar é da noite, e o dia queimará a tua graça; a tua hora de labor já passou — disse ele.
— Mas temo mais o dragão de fogo do teu céu oriental.
— Fadinha tola: aquele "dragão" não é senão um cometa que voa pelo espaço; a

Aurora não temeu, nem a Estrela da Manhã. Eu te guiarei a casa, mas nunca mais te atrases: a tua doçura é para a noite.

E o Raio de Sol levou-a ao seu lar, e nunca mais a Fada do luar se perdeu — mas sua imagem ficou no orvalho.

A ILHA DA LUZ

Meu lar tão formoso é a "Ilha da Luz",
cercada de águas de anil;
na areia brilhante, a vaga, em influxo, conduz
pérolas puras do seu ardil.

Há raios caídos do Sol da Verdade,
em cujas águas o espírito é banhado;
vales de verde e fontes de mocidade,
as formas que vês no sonho amado.

Há límpidas águas que correm sem cessar,
para dar novo alento à flor em botão;
frutos vermelhos e de ouro a medrar,
sem treva, sem morte, sem escuridão.

Há formas de fadas, há rostos e olhar,
tão ternos de luz e de bem;
há lampejos de esplendor no jardim do amar,
o beijo do sonho cumprido também.

Há gôndolas indo e vindo sem fim,
levando almas à Ilha da Luz;
e os que mais amais — que conheceis, sim —
buscam esse reino que tudo seduz.

Há grutas de prece, templos de pensar,
dedicados à Alma da Verdade;
formas branquíssimas que o amor soube urdir,
imagens moldadas de eterna mocidade.

A "Ilha da Luz" é o lar interior;
palácios talhados em obras de bem;
suas águas — pensamentos que rolam sem dor;
suas flores — sementes que o amor tem.

Em torno, as ondas da eternidade a fluir;
areias brilhantes — estados do ser;
os vales — as belezas que vêm a florir
no espírito, às portas do tempo a crescer.

Montanhas — os louvores, anseios, labor,
pelo bem dos que vivem abaixo;
grutas e templos — o trabalho mais puro;
as formas — os amados do nosso penacho.

Meninos, as gôndolas são os vossos pensar,
pensares de branco, do e para o coração;
carregam beleza e bênçãos no passar,
e guiam-vos firmes ao santo clarão.

Ó Ilha da Luz! ó águas de amor!
buscamo-te sempre na Terra, a seguir;
e sempre a nossa barca para ti há-de ir —
lá estamos no espírito ao novo florir.

(*esquema predominante ABAB por quadra)*

UMA HISTÓRIA DO LAR DE OUINA

OUINA. — Quem sou eu?
CRIANÇAS. — Ouina, um Espírito.
O. — Onde vivo eu?
C. — No Céu.
O. — Que prometi hoje?
C. — Uma história do teu mundo.
O. — Sim, prometi-vos uma história do meu mundo — e o meu mundo é o mundo do espírito. Conseguis vê-lo?
C. — Não.
O. — Porquê?
C. — Porque fica muito longe.
O. — Não por isso, mas porque é muito subtil. Não vedes o ar — e, no entanto, ele move as árvores; do mesmo modo, o meu lar é feito de substância tão etérea que não o podeis ver com olhos mortais. Terão alguns mortais visto o Céu? Sim: a Bíblia fala de "visões" do Céu vistas por profetas e videntes; e há, no mundo de hoje, quem veja cenas espirituais e os espíritos que lá habitam. Assim, o meu mundo é distante — mas também está perto; não é uma estrela, é feito de

substância como a dos pensamentos. Eu fiz o meu mundo — como julgais que o fiz?
C. — Fazendo o bem.
O. — Sim, fazendo o bem aos outros; assim ides construindo os vossos lares celestes. Agora, vou contar-vos uma história verdadeira sobre

O PEQUENO HARRY

Viveu no vosso mundo, era saudável, vivo e feliz, mas apanhou uma constipação, ficou muito doente e morreu (todos vós podeis ter conhecido algum coleguinha, irmão ou irmã que tenha morrido; por isso, se vos falar do pequeno Harry, que passou para o nosso mundo dos espíritos, sabereis o que isso significa).
Pois bem, o Harry morreu — isto é, o seu corpo morreu —, mas o seu espírito estava vivo e ficou mesmo ao lado do corpo; e ali estavam também muitos espíritos, a sua Avó e outros, que vieram recebê-lo.

Mas o Harry via o seu corpo ali deitado, e via a mãe, o pai e os amigos a chorar junto do caixão; eles, porém, não o conseguiam ver, nem viam os espíritos luminosos que tinham vindo recebê-lo. O Harry tentou falar com a mamã, mas ela estava demasiado triste para o ouvir, pois a dor torna os ouvidos surdos às vozes dos anjos. Então a Avó levou-o ao meu mundo; é um mundo formoso, que flutua no espaço e brilha com luz própria — a luz do espírito.

Mas, de início, o Harry sentiu-se só e quis ver a mãe; depois viu muitas crianças felizes e muitas flores belas. Ao princípio achou que não tinha flores ali (quero dizer, flores que pudesse chamar suas), mas, numa das ilhas encantadoras, um canteiro de flores resplandecentes saudou o Harry, e ele pensou que as conhecia. Digo "pensou que as conhecia" porque eram dele — eram os seus pensamentos e atos antes de vir para o mundo do espírito.

Uma flor, mais brilhante do que todas, escolheu-a para a mamã e decidiu levá-la; e por que escolheu essa flor, eu vou dizer-vos: fora uma flor que plantara no jardim do seu espírito num dia especial. Em certa ocasião, quando estava na Terra, ele queria brincar, e a mamã precisava que ele fizesse uma coisa; como ele desejava ir com os companheiros àquela brincadeira especial! A mamã, porém, precisava muito dele e, após uma boa luta dentro de si, ele renunciou à brincadeira, e o amor pela mãe venceu o desejo egoísta.

Essa flor, que agora escolheu para a mãe, foi plantada então. Ele levou-a à mãe, mas ela chorava, plantando flores terrenas sobre a sua campa. O Harry pousou a flor que trouxera sobre o peito dela; a mãe começou a sentir-se melhor, como se

um grande peso lhe fosse tirado do coração, e lembrou-se daquele dia em que o Harry fora tão bom e a ajudara quando queria era brincar — quase lhe pareceu que ele estava ali; e estava mesmo, se ela o pudesse ter visto.

Quando o Harry regressou ao seu lar espiritual — pois os espíritos passam e tornam à vontade; se quereis beber água ou ir brincar, o vosso espírito move o corpo para o fazer —, encontrou uma dúzia de flores a florir no lugar daquela que levara. Contar-vos-ei mais do que o Harry fez no meu mundo e das ilhas que visitou. Aqui temos a Ilha da Luz, a Ilha da Pérola, as Ilhas dos Lírios, das Rosas e das Violetas, e todas estão cheias de pequeninos como vós.

Recebem ensino, mas não em livros. As flores, os pássaros e as formas encantadoras são feitos dos seus pensamentos e boas ações.

CAPÍTULO II

A VISITA DE HARRY À "ILHA DA LUZ" PELO "ARCO-ÍRIS"

Depois que o Harry se habituou à nova casa e ao seu jardim de flores, foram-lhe dadas outras lições e alegrias — pois, na vida do espírito, o trabalho e a brincadeira são o mesmo, já que cada ato é um prazer por ser bom ou útil para os outros. Como lição e recreio, então, planeou-se uma excursão à "Ilha da Luz". De várias ilhas e de todas as partes do jardim espiritual vieram companheiros que iriam com o Harry: May, Lírio, Violeta, Rosa, Pérola, Rubi, Jaspe (pois alguns espíritos têm nomes de gemas) e muitos mais. O guardião do dia era um mensageiro da Ilha da Luz, que viera buscar os pequeninos.

Foram em barquinhos — brancos, simbolizando pensamentos puros, ou azuis, expressando sabedoria — e passaram diretamente pelo Arco-Íris (vês o desenho ali? — disse, apontando para uma gravura na sala). "O Arco-Íris", disse o guardião, "forma-se da simpatia — das lágrimas que derramais pela dor de outrem. Quando vedes um arco-íris no céu é porque, sobre o fundo escuro das nuvens, os raios do sol, brilhando através da chuva, se refletem; assim também, sobre as nuvens escuras da tristeza, a luz do amor e da simpatia resplandece e, através das lágrimas, vê-se o arco da esperança. Este pórtico é a simpatia."

Enquanto Harry e os outros seguiam ao longo da água translúcida (símbolo da verdade), que refletia todas as imagens, Harry viu, por cima, um tramo do arco onde estava escrito o seu nome, "Harry". Era o seu tramo do arco, formado da simpatia que tivera, na vida terrena, por um dos seus companheiros em aflição. Assim também vós, pequeninos, encontrareis os vossos nomes nalgum arco-íris

da vida espiritual, pois cada lágrima de simpatia pelos outros constrói para vós esse arco.

Prosseguiram sempre, e o caminho tornava-se cada vez mais claro e deslumbrante; mas não era a luz do sol: era a luz da Verdade — a luz dos sábios que habitam a Ilha da Luz. Harry e as outras crianças ficaram, a princípio, quase vencidos por tanto fulgor. Viram templos resplandecentes de luz e palácios cheios de esplendor. O Harry caminhou um pouco sozinho e chegou a um pequeno pavilhão, alvíssimo e brilhante — e era seu; viu lá o nome e percebeu como o construíra: por amor da verdade, pois a mãe do Harry lembrava-se (enquanto chorava por ele na Terra) de que ele nunca lhe dissera senão a verdade. Assim encontrou o seu querido templozinho naquela Ilha da Luz (isto é, da Verdade).

Depois todas as crianças chegaram a um largo luminoso, onde havia muitos espíritos. O Harry viu alguns que conhecia; pareciam estar a fazer correntes ou fios de luz. Perguntaram-se para que serviriam. O guardião disse-lhes que observassem e pensassem, e logo saberiam. Esses fios de luz estendiam-se para a Terra, e o Harry então pensou que serviam para enviar mensagens aos que os espíritos desejam alcançar na Terra. Sabeis, às vezes, ver homens a erguer postes e a estender fios pelas ruas — para que servem? ("Sim, fios do telégrafo.")

Exato, são fios do telégrafo: por esses fios mandam-se mensagens cá na Terra. Não vedes as mensagens? Pois também não vedes estes fios do espírito — mas eles lá estão —, e o Harry logo ficou ocupado a estender uma linha de luz, um fio, em direção à sua mãe. "Oxalá ela me pudesse ver fazê-lo", pensava ele. "Toda a grande verdade chega à Terra por esses fios de anjo" — e, quando o Harry assim pensava, o seu fio crescia.

Da próxima vez eu dir-vos-ei… — a que ilha preferis que vamos?
RESPOSTA — "À Ilha da Pérola."

CAPÍTULO III

Na última vez visitámos a "Ilha da Luz" (isto é, o lugar da Verdade perfeita); hoje iremos com o Harry à "Ilha das Pérolas". Doze crianças, incluindo o Harry, iam visitar a Ilha das Pérolas. Duas belas anjas — uma com uma coroa de pérolas, outra com uma coroa de pura luz — acompanhá-las-iam. Além disso, cada criança tinha um guardião ou mestre particular para explicar o que visse.

As barcas ou canoas em que iriam eram feitas de madrepérola: algumas de um branco nevado, outras iridescentes (de muitas cores). Estas embarcações representam pensamentos puros e jubilosos. O Harry reparara, na viagem anterior pela "Ilha da Luz" através do "Arco-Íris", que tinham passado muitos outros arcobotantes que desembocavam no Arco-Íris. Desta vez entraram por um desses arcos laterais, sob um arco de Lírios e, deslizando rapidamente sobre a água cristalina, logo viram uma linda ilha, da qual irradiavam luzes de várias cores. Ao longo da praia havia conchas e pérolas maravilhosas.

As conchas eram forradas de rosa e ouro e, como muitos de vós já ouvistes um som do mar dentro de uma concha, também dali vinha música suave; e até a própria luz, com os seus matizes nacarados, fazia música. As duas Anjas — a da Verdade e a da Pureza —, que iam adiante, deram-lhes as boas-vindas à ilha. A Anja da Pureza, de rosto branco lindíssimo e coroa de Pérolas, subiu para um terraço alvo no centro da ilha; mas as crianças, conduzidas pelos mestres, foram levadas por trilhos separados e tinham de encontrar o caminho por diversos meios.

O Harry ouviu um menino a chorar; quando vivia na Terra chamava-se Georgie. Apressando-se, perguntou por que chorava. O Georgie apontou para o trilho à frente: "Vês? Há pérolas negras, e eu não consigo passar." — "Mas por que não consegues? E o que são pérolas negras?" — "Não sei; só que, quando olho para elas, lembro-me de uma vez na Terra em que fiquei muito zangado, bati na minha irmã e chorei de raiva; a mamã perguntou-me se eu estava arrependido e eu disse que 'não'. Agora, quando vejo estas pérolas negras, lembro-me disso e não consigo ir mais além para ver a linda senhora." — "Não faz mal", disse o Harry, muito meigo, "nós esperamos contigo."

O Georgie ajoelhou-se no trilho e chorou, pensando que queria pedir perdão à mãe e à irmãzinha por ter sido mau. Quando ergueu os olhos, o mestre sorria: as pérolas tinham ficado brancas; mas ele voltou a chorar, sentindo-se indigno de estar num lugar tão belo. Quando por fim se virou para voltar atrás, viu o mestre a acenar-lhe para que avançasse, pois as pérolas estavam agora todas lavadas e alvas. **Como ficaram brancas?** (Resp.: Porque ele se arrependeu!) Sim: eram lágrimas de arrependimento — e tornaram as pérolas brancas.

O Harry seguiu pelo seu trilho e sorriu ao ver pérolas de cores vivas — vermelhas, douradas e azuis; então lembrou-se de uma vez em que a mãe esteve muito tempo ausente e, quando regressou, ele ficou tão contente que chorou de alegria. Aquelas eram pérolas — lágrimas de júbilo e amor. Todos encontraram, nos seus caminhos, coisas muito formosas: pérolas que se compunham com flores, lágrimas próprias da infância; alguns não conseguiram ir além de meio

trilho rumo ao lugar onde estava a Anja da Pureza — descobriram que algum pensamento egoísta, algum gesto indigno, lhes bloqueava a passagem.

Mas cada lágrima pequenina, derramada por simpatia pelos outros, fazia nascer, ao longo dos trilhos, uma pérola luminosa ou uma flor branca. Depressa perceberam que ninguém podia chegar ao pavilhão branco, ao templo onde se encontrava a "Anja da Pureza", a não ser quem não trouxesse consigo pensamento egoísta algum nem pesar pelo próprio erro.

Quantas daquelas crianças chegaram ao templo e à Anja da Pureza? Achais que alguma estava absolutamente livre de egoísmo? Algumas chegaram muito perto, quase até à entrada, mas todas têm de voltar e chegar por outro caminho.
Eu dir-vos-ei qual é esse caminho, a seu tempo. **Da próxima vez, para onde iremos?**
(**Resp.: À "Ilha das Rosas".**) Sim, o Harry já lá esteve — iremos também.

CAPÍTULO IV

A ILHA DAS ROSAS

Da última vez fomos com o Harry à "Ilha das Pérolas" e, antes disso, à "Ilha da Luz"; em cada uma dessas agradáveis viagens o Harry e os seus companheiros passaram sob e através do "Arco-Íris". Sim, ele é feito de lágrimas de simpatia, e a simpatia resulta da bondade, e a bondade é irmã do amor.

Hoje não tomamos pequenas canoas ou barcos: seguimos por um caminho lindamente ladeado de flores. Esse caminho passa por cima do "Arco-Íris" e torna-se mais largo e mais belo à medida que avançamos. As flores da berma são bonitas — daisies (malmequeres), buttercups (ranúnculos), violetas, cravos e todas as flores caseiras que vedes no verão. Estas formam-se a partir de "pequenos atos de bondade". Se partilhas algo que tens com um colega de brincadeira, isso faz nascer um malmequer; se ajudas um colega que caiu e se magoou, em vez de fugires, isso faz nascer um cravo. Assim, por todo o caminho que leva à "Ilha das Rosas", crescem estas flores dos "atos diários de bondade".

Harry e os seus companheiros iam precedidos por um belo anjo: o rosto puro como rosas brancas, os lábios como a rosa vermelha e uma coroa de rosas na cabeça. Ao aproximarmo-nos da entrada, o perfume de muitas rosas vem ao nosso encontro e rostinhos formosos espreitam de entre os botões e flores: são doces crianças que partiram da vida na Terra e são agora "botões de rosa".

Entramos na "Ilha das Rosas" por um pórtico formado por rosas de todas as cores. Há uma inscrição sobre a entrada: é o **décimo primeiro mandamento** (alguém na turma sabe qual é o décimo primeiro mandamento? Não? então não vos direi agora; espero que mo digam na próxima vez).

Ao passarem sob e através do pórtico, encontraram-se cada um em belos jardins de rosas; mas — ah! — algumas tinham espinhos. Sabem dizer o que eram os espinhos? Um menino sentiu um espinho cravar-se-lhe no pé e lembrou-se de que amava os seus companheiros, mas a um deles amava-o porque lhe trazia presentes; e temeu que talvez não o amasse tanto se ele não pudesse trazer-lhe dádivas.

Dizem-vos para amardes os vossos pais: porquê? (Resp.: Porque nos amam.) Sim, mas se não vos amarem, deveis amá-los ainda assim? (Sim.) Pois bem, estes jardins onde há espinhos entre as rosas são feitos desse amor que a maioria das crianças e pessoas tem — amais quem vos ama, sois bondosos com quem é bondoso convosco; amais os pais porque tendes fome e eles alimentam-vos, porque precisais de roupa e eles dão-vos. Mas a quem deveis amar independentemente de tudo isso? (Resp.: A todos.) Sim, deveis amar toda a gente.

Harry depressa se viu diante de outro pórtico, mais belo do que o primeiro; parecia abrir para a parte mais formosa da ilha e havia botões de rosas brancas na entrada. Sobre o caminho, em rosas brancas e douradas, estava inscrita a Regra de Ouro: "*Tudo o que quiserdes que os outros vos façam, fazei-o vós a eles.*" E outra inscrição, em rosas ainda mais brancas e brilhantes: "Amai os vossos inimigos." Harry passou o pórtico e os companheiros ficaram atrás: cada um encontrara algum silvado ou espinho de egoísmo que lhe barrava a passagem.

O espinho de Harry estava ali: lembrara-se de um professor que fora injusto com ele e o castigara sem motivo. Harry sempre fora um menino amoroso: amava a mãe e os amigos, e não só os que o amavam, mas também os pobres e sem amparo; porém, odiara aquele professor e decidira que, quando fosse homem, "se vingaria de algum modo".

Agora, ao pé daquele pórtico, envergonhou-se desse pensamento e nasceu nele um espírito de perdão: desejou poder ver o professor e perdoá-lo; aproximou-se mais da entrada e pensou em como gostaria de lhe fazer um bem — sim, dar-lhe-ia uma flor do seu jardim! Harry já estava dentro do pórtico, onde as rosas não tinham espinhos. Ao longo do caminho maravilhoso havia bordaduras de rosas e, ao longe — mas sempre vindo mais perto — via-se um rosto e uma forma de beleza, com coroa de luz e vestes resplandecentes; o anjo coroado de rosas

levou o Harry mais perto e era **ELE**, Aquele que disse: *"Deixai vir a Mim os pequeninos."* Sabem quem o disse? (Resp.: Jesus.) Sim. Porque foi Jesus grande, e porque o viu o Harry na parte mais formosa da Ilha das Rosas? Terá sido grande como soldado? (Não.) Grande em saber? (Não.) Em que foi Ele grande? (No amor.) Sim, foi o maior de todos no **amor**. Assim, a "Ilha das Rosas" é o "Lar do Amor Puro".

Não se esqueçam de me dizer, na próxima vez, qual é o décimo primeiro mandamento. Seguiremos mais adiante na "Ilha das Rosas".

CAPÍTULO V

A ILHA DAS ROSAS (continuação)

Está alguém na turma preparado para me dizer o décimo primeiro mandamento?
Resp. — Amar uns aos outros.
Sim: *"Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros."*
Quem deu este mandamento?
Resp. — Jesus.
Onde fomos no domingo passado?
Resp. — À Ilha das Rosas.
O que é a Ilha das Rosas?
Resp. — A Ilha do Amor.
O que são os espinhos?
Resp. — O egoísmo.
Que inscrição estava sobre o pórtico interior?
Resp. — A Regra de Ouro.
Que outra mensagem havia?
Resp. — Amai os vossos inimigos.

Então o Harry aprendeu — como todos nós temos de aprender — não apenas a amar os que nos amam, mas a amar os que não nos amam e, por fim, melhor de tudo, a amar os que procuram fazer-nos mal.
Quem vimos dentro do pórtico interior?
Resp. — Botões de rosa.
Quem são os "Botões de rosa"?
Resp. — Crianças pequenas.
Quem vimos a abençoá-las?
Resp. — Jesus.
Sim. Porque as abençoou? (pausa) Porque são más?
Resp. — Não, porque são boas.

Isso mesmo: quando são boas, são abençoadas.
Que disse Ele quando as abençoou?
Resp. — *"Deixai vir a Mim os pequeninos e não os impeçais, porque dos tais é o Reino dos Céus."*

Continuamos na Ilha das Rosas. Harry estava muito, muito feliz: tudo quanto via e sentia lhe fazia lembrar a mãe, e desejava falar-lhe das coisas lindas que vira. No próprio dia em que Harry visitou a "Ilha das Rosas", a sua mãe, ainda a chorar o seu amor, foi ao belo lugar do cemitério onde repousava o seu corpo; e viu, com indizível alegria, uma Rosa a florir sobre a campa. Não se lembrava de ter plantado uma Rosa e pareceu-lhe que só o Harry a poderia ter plantado ali. Consolou-a pensar assim — e, num certo sentido, era verdade, pois há um velho ditado que diz: "Quando flores nascem sobre um túmulo, são sorrisos de anjos vindos do Paraíso"; e sabeis que os espíritos das flores hão de vir do Céu — talvez os pensamentos das crianças no Céu se transformem em flores quando chegam à Terra.

A mãe do Harry sentiu-se mais feliz do que desde que o seu menino fora levado para o outro mundo e, erguendo os olhos, julgou ver o rosto de Harry sobre si, cercado de uma luz brilhante. Não se enganava: embora não o visse com a visão exterior (tal como não vedes o ar), há, como vos disse, uma visão mais subtil — e ela viu-o. Ele deixou-lhe **uma bela Rosa branca** que colhera junto dos pés do Mestre e, todas as manhãs e noites — nos hinos, no trabalho ou na oração — a mãe do Harry sentia a sua presença.

Ele também visitou outros que estavam tristes e até encontrou o seu antigo professor — aquele que fora injusto. Vendo-o em aflição, Harry não se alegrou, mas encheu-se de piedade e, pousando a mão sobre a cabeça dolorida do professor, este adormeceu e sonhou um sonho lindíssimo: pareceu-lhe ver um rosto juvenil e ouvir uma voz doce dizer-lhe: "Tem coragem, as nuvens hão de passar," e viu muitas grinaldas de flores maravilhosas e sentiu o fresco do orvalho na fronte; e não foi sonho apenas — o Harry estava ali.

Avançamos agora para um pórtico muito humilde, e o Harry reparou que todos os que entravam tinham de se ajoelhar ou inclinar a cabeça; mas, para lá dele, havia lindos lírios-do-vale de sininhos cerosos e grandes lírios nevados, e sobre o pórtico estava uma inscrição acerca dos puros de coração.
Que pórtico é este? Será o pórtico do orgulho do bem? (pausa) Uma criança responde: "O pórtico da humildade."

Sim, é o pórtico da humildade, pois todos os que fazem o bem com coração amoroso são humildes e não se vangloriam das suas boas obras. Este pórtico conduz à Ilha dos Lírios.

CAPÍTULO VI

A ILHA DOS LÍRIOS

OUINA. — Para onde vamos hoje?
CRIANÇAS. — À Ilha dos Lírios.
O. — Por que pórtico passamos para chegar à Ilha dos Lírios?
C. — (depois de uma pausa) O pórtico da humildade.
O. — É um pórtico altaneiro?
C. — Não, é baixinho.
O. — Sim; significa que, quando temos amor perfeito, também estamos cheios de humildade — e então estamos prontos a passar para a Ilha dos Lírios. Que inscrição acerca dos "puros de coração" vos disse que iríamos encontrar?
C. — "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus."
O. — Isto quer dizer que Deus é um homem e que O veremos com os olhos do corpo?
C. — Não; quer dizer com o espírito.
O. — Quer dizer que O veremos como nos vemos uns aos outros?
C. — Não; quer dizer sentir.
O. — Sim: perceber, ou sentir em espírito, porque Jesus disse — e todos sabemos — que "Deus é espírito".

Harry viu o pequeno arco e a inscrição e perguntou a si mesmo o que significava. Sabia que deixara a Terra e sentia-se no Céu, mas não tinha "visto" Deus. Então a verdadeira ideia amanheceu nele: todos os que são bons, puros e amorosos "veem" Deus, porque Ele habita neles. E Harry encheu-se de alegria admirável — ansiou contar à mãe que "vira" ou percebera Deus, a presença amante que tudo enche. Passou, então, o gracioso pórtico, com o coração cheio de amor e júbilo.

A visão que acolheu o seu espírito era belíssima: todas as árvores, flores, templos e pavilhões eram feitos de flores brancas, muitas delas lírios, e o ambiente rescendia; e dos lírios saía um som como música — qual as vossas vozes a cantar: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus."

Uma linda criança-espírito veio pôr-se ao seu lado, trazendo uma coroa de lírios brancos; Harry percebeu que era uma irmã do espírito, que partira da Terra antes de ele a conhecer. Ambos partiram com um só desejo até à mãe, que, no seu

quarto terreno, olhava o retrato de Harry. Já não estava tão triste como quando ele partira, pois muitas vezes vira o seu espírito e sentira a sua presença. Agora, o irmão e a irmã encostaram-se a ela e puseram-lhe a coroa de lírios na fronte; ela sorriu, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas de gratidão, porque sentiu a presença deles e viu-os ali, dando graças ao "Doador de todo o bem" pela bênção da visão espiritual que mudara a sua dor em alegria.

Quando Harry voltou com a irmã à Ilha dos Lírios, encontrou muitos daqueles botões brancos já abertos, e pôs-se então a praticar algum ato de amor e bondade puríssimos. Cada dia um lírio nevado era colocado sobre o coração da mãe e, a cada hora, novo trabalho de amor lhe ocupava as mãos. Ali, na Ilha dos Lírios, viu também o Grande Mestre, que, na Terra, disse: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus."

UM CÂNTICO DE LÍRIOS

"Bem-aventurado o coração fiel!"
Vinde, meninos, vinde cantar:
trazeis pureza, trazeis o mel,
perfeita alegria e o dom de amar.
— Que guarda o lírio no seu vel? —
Pureza: aí Deus vem habitar.

"Bem-aventurado o puro viver,"
sem interesse em ato ou lei,
sofrendo a calúnia sem se perder,
misericórdia no tempo em que a dei.
O que os lírios vos vêm dizer?
Pureza — Deus mora junto a quem é rei.

"Bem-aventurado o coração,"
soai, ó lírios, no canteiro,
na horta humilde ou no chão
onde brotais em branco inteiro;
que eu sempre vos ouço a canção:
"Deus fica com o puro verdadeiro."

Coroai-o, lírios de brancura,
coroai-o, flores de luz,
mensageiro de amor ternura,
que o hálito do Amor conduz;

quem pisa humildemente a planura,
puro de coração — Deus lhe reluz.

CAPÍTULO VII

A ILHA DAS VIOLETAS

Harry passou uma pontezinha feita de azul, saindo da Ilha dos Lírios. Em redor havia ondas azuis de luz e um éter azul envolvia a ilha formosa. Na outra extremidade da ponte lia-se:

"ELE VISITA OS HUMILDES."
"PELO TEU VALOR ÉS EXALTADO."

Descendo, através do pórtico da Humildade, para um vale ameno, a ponte conduziu Harry à Ilha das Violetas. Nunca, em todos os bosques e taludes musgosos da Terra, floriram tantas violetas como as que se abriram à sua vista. Uma menina de olhos azuis suaves avançou ao seu encontro, e muitos rostos sorridentes o saudaram, modestos, mas cheios de júbilo. Das quebradas onde as violetas cresciam vinha música doce; e as palavras soavam familiares:
"Pequenos gestos de amor, pequenas palavras de bem,
fazem da Terra um Éden — como o mundo além."

Agora compreendeu bem: cada violeta que ali via — brancas, como coração de donzela; amarelas, como alegrias de infância; azuis, como a verdade e o amor dos humildes — era fruto de atos amorosos. Que lindas pareciam! Muitos gestos discretos, sem registo senão pelo anjo da luz, estavam ali escritos em flores perfumadas.

Harry coreou ao ver um canteiro de violetas azuis finíssimas com o seu nome, ligado ao de outra pessoa. O episódio que aquelas flores lembravam quase se perdera na sua memória — mas fora um "pequeno ato de bondade". Num tépido dia de primavera, quando ainda vivia na Terra, Harry ia para a escola e passou pela casinha de uma mulher pobre que tinha uma menina, Mary, colega da mesma escola. Chegado ao caminho do portão, Mary correu para fora; Harry disse "bom dia" e conversou alegremente.

De súbito, ele reparou: "Esqueceste o teu lanche." O rosto de Mary corou e ela não respondeu, mas Harry percebeu logo o motivo: a mãe não tinha nada para dar à filha. Tomou então uma decisão rápida e pôs-na logo em prática: pousou o seu cesto à frente da Mary e disse: "Leva o meu; a mim não me fará falta. E, todos os dias, trarei o teu num cesto e o meu noutro — assim ninguém te há de troçar." Cumpriu a palavra — e agora, neste lugar lindíssimo, as suas violetas esperavam-no.

CÂNTICO DAS VIOLETAS

Humildes somos, pequenas, sim,
mas verdadeiras no florir;
violetas brancas — pudor sem fim,
as azuis — bondade a surgir;
pequeno é o bem que podemos fazer,
mas deixamos o céu nos vir.

Donzelas, brancas como a flor,
pequenos gestos bastam, sim;
que o coração leal tem memória do amor,
dos grandes brota o pequenino afim;
doce palavra, ato de calor,
trazeis o gosto mais fino ao jardim.

Violetas de ouro, jóias de infância,
doces gestos de graça infantil,
prontas para a diadema da confiança,
cumprindo o vosso santo perfil;
rindo e amando ao mesmo tempo,
sorri, violeta, num brilho sutil.

Violetas azuis, amor da alma,
modéstia, verdade e valor;
como os céus abrem folha e palma,
trazendo à terra o seu tesouro em flor;
olhos azuis, janelas de calma,
emprestai-nos o vosso puro esplendor.

(A seguir, o percurso irá aos "Lírios-do-Vale".)

CAPÍTULO VIII

OS LÍRIOS-DO-VALE

Na Ilha dos Lírios, afastado das avenidas de luz que conduzem ao Templo Branco da Pureza, o Harry e a irmã viram um carreiro estreito a descer para um vale maravilhoso. Esse caminho era ladeado de flores simples, caseiras, e até de plantas humildes que muitos passam sem notar. Havia grutas frescas e sombrias à beira do trilho, e delas vinham sussurros como de espíritos em oração. Espíritos puros, pálidos, de olhos de pomba, sorriam docemente ao passarem,

mas não deixavam os seus trabalhos modestos. Uns inclinavam-se sobre sofredores e rejeitados da Terra, que, da pobreza e da necessidade, tinham passado ao mundo imortal. Sinos brancos e cerosos dos lírios-do-vale floriam por toda a parte; o seu perfume finíssimo fazia música suave, e o som dizia: "Bem-aventurados os mansos."
Nenhum pensamento de orgulho, nenhum jactar de santidade ou bondade entrava ali; e aqueles espíritos, vestidos de brancura nevada, cuidavam dos humildes da Terra.

O Harry sentiu-se pequeno diante de tanta doçura e pureza; via-os fazer o bem sem consciência de o fazer, e quase lhe pareceu que ele próprio só fora bom para ser louvado. Ali não havia vaidade, nem orgulho do bem, nem outro pensamento que não fosse a caridade mais limpa. Os desprezados na Terra eram ali amparados com ternura. Os rejeitados e pecadores que os homens desdenharam eram tomados e purificados — lavados de pensamento impuro nas águas límpidas da Verdade — e faziam-nos sentir que também eles eram imortais.
Harry e a irmã viram uma grande assembleia de espíritos, de branco vestidos, a cantar um hino doce sobre uma alma recém-nascida chegada da Terra; cantavam:

CÂNTICO

Humildes, vinde ao repousar;
o Amor é puro e santo;
o Céu aqui se vem mostrar
a quem sofreu seu pranto.
Vós que gemíeis na aflição,
na dor que vos doía,
deixai o peso e a opressão,
onde a fonte ama e irradia.

Humildes, vinde: o bem escondido
entra em luz clara e calma;
o ódio é morto e proibido,
o Amor se mostra na alma.
O que na Terra se ocultou
aqui será sabido;
tudo o que é puro se elevou,
tudo o que é torpe é banido.

Humildes, vinde: paz e abrigo;
a treva cede, é dia;
vinde cansados: Deus convosco
o colo oferece, a via.
Se a Terra tarda em vos valer,
vinde ao descanso, enfim;
no seio do Céu ides perder
a mágoa, o choro, o fim.

Humildes, vinde: obras pequenas,
pensares limpos, santos,
aqui se tornam luzes cheias,
sobe o incenso aos recantos;
mansidão herda sem saber,
sem se exaltar, sem glória;
o Amor vos chama a florescer,
em paz, em luz, em memória.

LÍRIOS-DO-VALE

Doce repique de sinos de cera,
nos vales frescos de sombra e de harpa:
que é o que cantais na voz sincera?
"Humildade."

Perfume do musgo, brando a passar,
mensagem que trazes do bosque a sorrir?
Que me vens tu, manso, segredar?
"Humildade."

Coração que ama só por amar,
fazendo o bem, ainda que o deixem só:
que coisa melhor devo aqui buscar?
"Humildade."

Ó coisas santas, humildes, sem par,
nas frescas nascentes da vida escondida:
qual é o segredo maior de amar?
"Humildade."

BOTÕES DE ROSA

Lábios de rosa, que estais a dizer,
palrando, a lispar, todo o santo dia?
"Gosto de ti, mamã, gosto de te ver,
gosto de ti" — em doce melodia.

Pensos de rosa, que ides a pensar?
em pão e em água, no dia a correr?
"Gosto de ti, mamã" — sem cessar —,
"gosto de ti, mamã, gosto de te querer."

Logo as rosas hão de crescer,
bochechas, lábios, coração a transbordar;
quem amarás então? — só Deus o há de saber,
quando o amor for todo o teu cantar.

CHUVAS DE ABRIL PARA AS MINHAS FLORES

Lágrimas de piedade refrescam o coração desalentado.
Lágrimas de simpatia consolam o triste.
Lágrimas de alegria são o orvalho do amor.

As gotas de chuva são para os botões e a relva como pequenos atos de bondade para o coração cansado.
Não temas a chuva: ela ilumina as flores e não te fará mal;
mas não uses roupas molhadas — isso é como agarrar-te a uma tristeza na memória, quando já passou a lição.
Lágrimas de arrependimento fazem um arco-íris que leva ao Paraíso.
Lágrimas de simpatia e compaixão constroem os pórticos da aproximação do Céu.
Lágrimas derramadas pela dor alheia umedecem os lírios nos jardins do Paraíso.

A MENINA FLOR-DE-NEVE E A SENHORA ROSA-BRAVA

Uma história em verso.

PARTE I

Num palácio esplêndido morava a Flor-de-Neve,
cercada de joias, brilhos sem igual;
aos pés, galantes vinham, leves, leves,
trazer diademas, culto nupcial.

O palácio era pérola, diamante,
por dentro e por cima a cintilar;
onde quer que pousasse o seu semblante,
flores de geada a branco iriam dar.

Mas Flor-de-Neve era bela — e era fria;
nenhuma borboleta ali pousou,
nem beija-flor ficou para a companhia;
nenhum rumor de mel ali soou.

Guardou a própria graça ao sol vedado,
ficou da cor da neve que a seduz;
nunca chorou — o rosto imaculado
ficou sem o lavar das lágrimas de luz.

Fugiam aves, abelhinhas do pomar;
e ela dizia: "ainda bem que vão!"
"Insetos? pássaros? — de se detestar;
são maus, irritam-me o coração."

"Violetas, malmequeres… essa escória!
Quem se curvaria para os ver?"
Fazia então fulgir sua joia-glória,
e todos à sua orla vinham ter.

Um dia, aos pés, uma violeta, pobre flor,
— seduzida pelo beijo da estação —,
gelada a pétala, molhada a cor,
pediu amparo à rígida visão.

E que pensam? Flor-de-Neve empalideceu —
não de piedade, mas de altivez:
"Procura a tua primavera" — respondeu —,
"melhor fora teres morrido, talvez."

De todas as que o estio mais queria,
lírios, rosas, amor-perfeito, ao par,
a que mais ódio lhe crescia
era à Rosa-Brava do lugar.

"Tão espinhosa! coisa abominável!
flores sem préstimo, nascem para nada;
borboletas pousam nela, é lamentável;
beija-flor sempre por ali passada…"

E Flor-de-Neve, cada dia mais distante,
enrugada em esplendor, fechou-se ao lar.
(Depois vos conto como foi adiante,
e que inimigo veio a derrubar.)

PARTE II

Abre-te ao ar de primavera,
a toda a bênção de ouro e luz,
a cada ave enamorada
que ao verde seio o ninho conduz.

Por sebe viva, guarda em torno
seus tenros ninhos, seu cantar;
e a flor que a Rosa-Brava traz ao outono
é incenso doce a balançar.

Um dia, uma serpente ousada
quis raptar do ninho o bem;
mas seus baionetas — fina espada —
puseram fim ao torvo intento, amém.

Voou um beija-flor em busca
de doce alento ao ninho além;
e a Rosa-Brava — taça justa —
deu-lhe o rocio do mel que tem.

A brisa e o zéfiro lhe querem,
o sol, o orvalho e o doce chão;
porque o que é doce ela o oferece
e tudo volta ao seu coração.

Mas mão rude não a alcança,
que vai cingida de armadura;

quem chega manso tem a entrança —
para os gentis, a casa é pura.

Uns censuram: "feres a mão!"
— nunca oásis fere a asa a voar;
"o amor," responde, "tem razão:
não firo quem não vem ferir ou maltratar."

Enquanto a beleza não é salva,
e a cobra espreita atrás do muro,
Deus dá defesa à flor das almas;
os que são bons entram seguros.

Meu templo abre-se às coisas belas —
à ave, à brisa, ao claro arrebol;
à abelha atarefada, às asas delas,
e ao riso puro de uma escol.

Pouco e mais pouco — as flores passam,
mas fica o aroma nas ramagens;
e o pardal canta nos sebes, bravas,
e o grão maduro guarda as aragens.

Ama-me a lua de prata e neve,
ama-me o cheiro que em mim se aninha;
e o rouxinol, quando a noite desce,
canta o arrebatamento que me tinha.

PARTE III

(continuação de "A Menina Flor-de-Neve e a Senhora Rosa-Brava")

Um dia, ao repousar, Flor-de-Neve ficava,
(repouso, não sono, num leito gelado)
e, súbito, acordou — que a vista lhe mostrava
um monstro a acercar-se do seu branco ninhado.

Cada vez mais vizinho, a porta enredou,
em correntes de prata ou de aço a luzir;
teceu, como vinha, o caramanchão que ergueu,
em malhas e malhas, o seu lar a sumir.

Sozinha no palácio, apavorada e muda,
viu pronta a prisão que a prendia no véu;

sem queixa, sem suspiro — a angústia absoluta
tomou-lhe o coração como um rigor do céu.

Sem amigo no mundo, sem ave no ar,
sem inseto que afugente o monstro voraz;
ah, se tivesse à violeta dado o seu lugar,
talvez viesse um amigo a passar por detrás.

Como roda que gira, a teia a envolver
por cima e por baixo do pálido lar;
o monstro, no centro, bem vivo a tecer,
vigiava-a de frente, sem dela se apartar.

Dia e noite escoavam, e a vida a fugir,
do coração gelado, egoísta e sem ardor;
até que, no último alento a sair,
o monstro enrolou as correntes sem dor;

deixou Flor-de-Neve morta, e o palácio de antanho
manchado e sem brilho do hálito ruim;
ninguém lamentou seu extinto talhe estranho,
que todos sabiam ser vão, duro e mesquinho.

Do túmulo dela, o monstro veloz
correu para a bela Senhora Rosa-Brava;
cobriu-lhe o caramanchão reluzente, feroz;
“Espera,” disse ela, “tua teia não grava.”

E enquanto ele tecia, ela aguardou o clarão;
o deus-Sol ergueu-se no palácio dourado;
Rosa-Brava desfraldou seu estandarte então —
florido e formoso, perfume elevado.

Do bosque, num raio, um beija-flor veio,
levar doce mel à sua amante no ninho;
Rosa-Brava foi logo o primeiro anseio,
e as asas luziram num terno carinho.

“Vem por aqui,” disse ela, meneando a coroa;
o beija-flor veio, célere a chamar;
roçou pelo monstro, desfez-lhe a teia boa,
quebrou-lhe as cadeias e as grades sem par.

Pois o monstro era aranha e a teia a enganar
qualquer mosca inocente que à sombra voasse;
e a doce Rosa-Brava sabia que o amar
da ave e da abelha jamais falhasse.

Se o lar e a flor corriam perigo à beira,
bem se vê que Flor-de-Neve morreu de pavor;
a vida foi triste por ser tão solteira,
enquanto Rosa-Brava, em cada respiro, é amor.

A bênção que dava, em dobro a colhia;
o amor gera amor — proteção fiel;
até pelo monstro sentiu pena um dia,
que cruel não era por querer, mas por zelo infiel.

Não temas, nem zombes, ó Rosa-Brava,
que o teu coração generoso perdura;
corações de gelo, como o dela, a lava
do medo lhes rouba a última formosura.

Soberba e egoísmo — eis Flor-de-Neve ao espelho;
amor e largueza — eis Rosa-Brava ao vento;
melhor é ter amor que um brilho de gelo,
que cintila e nada dá de bom alimento.

LÍRIOS DO JARDIM DE DEUS

"Considerai os lírios como crescem: não fiam nem tecem, e, no entanto, digo-vos: nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles."
Pensamentos puros são os lírios no jardim de um coração puro.
Torna puro o teu espírito e obras, palavras e pensamentos hão de dar flores brancas. Pureza perfeita é amor perfeito.
"Para os puros, todas as coisas são puras."
Inocente como um lírio em flor é o coração da donzela pura.
Brancas como lírios-do-vale são as ideias do querido da mamã.
Se queres ser sempre puro — ama, sê veraz, sê caridoso, sê justo.

LÍLIA

(Declamação)

Alva é a fronte de Lília — é neve o seu pensar;
moram-lhe ideias brancas — por isso vem brilhar.
Quente é a sua mãozinha — sem nódoa nem venal;
que o coração sem culpa aquece o bem real.

Pálida às vezes a face — não de ira, mas de dor;
mas o ânimo não desfalece,
logo lhe volta o amor.

Dourado o seu cabelo — qual sol do seu sorrir;
riquezas tem sem selo —
vai dando sem medir.

O MEU JARDIM

Tenho um pequeno jardim que planto aqui na Terra;
um recanto claro e bom, onde a semente encerra.

Junto ao bosque, aqui planto as minhas violetas;
com fetos e musgos perto, para o orvalho nas caretas;
as violetas são modéstia, fogem do sol ardente,
mas fitam o céu azul — confiança permanente.

E aqui planto meus amores-perfeitos, rostos de bebé,
para afugentar tristezas e dar gozo a quem os vê;
são para a paz do coração — descanso ao cansado aqui,
por isso, ao longo do trilho, eu os ponho junto a ti.

Meus lírios-do-vale, neste recanto abrigado,
planto-vos — que o vosso aroma faz parar o caminhado;
sois sinos brancos, simples, de doce singeleza:
e dizeis: "Fiai no Alto — humildade é vossa riqueza."

As rosas hei de plantá-las diante dos nossos olhos,
botões e rosas abertas — paredes, sebes, molhos;
que as nossas rosas não têm espinhos a ferir,
a linguagem delas é Amor — só Amor a florir.

As margaridas eu ponho na campina a brilhar,
e por todo o meu caminho as deixo sempre ficar;

são como estrelas brancas do céu limpo a fulgir,
trazem sempre a alegria — puro riso a florir.

Os lírios grandes eu deixo um pouco mais além,
à sombra dos jovens choupos, do vento guardados bem;
falam de pura pureza — convém recolhimento;
o choupo, que tudo sente, é guarda ao pensamento.

Ranúnculos (botões-de-ouro) espalho no verde chão;
aonde fores passando te saúdam com clarão;
são como ideias brilhantes que o céu nos vem doar,
ponho-os para que a alegria te siga ao caminhar.

E as túberas cheias de aroma (tuberosas) eu porei
no canteiro mais ao sol — perfume, luz da lei;
uma só flor perfuma a casa inteira em redor:
são pensamentos e gestos de um tão brilhante amor.

No regato, o lírio-de-água abre o seu coração;
raízes na sombra escura, mas sobe em direção
ao sol que doce o chama, ao céu que o vem guardar —
ensina Inspiração e o Alto a guiar.

No meu jardim há mais flores de nome encantador,
e nas grutas ponho joias de luz pura, sem cor;
crescem árvores formosas, e aves de esplendor,
e cantam doces hinos de louvor e de amor.

Outro dia eu direi mais nomes do meu vergel
e levar-vos-ei às grutas, ao meu fresco caramanchão fiel;
se me trouxerdes uma flor para a alegria aumentar —
que as flores são pensamentos vossos, meninas e meninos, a brilhar.

O MEU JARDIM DE FLORES

À "hora das crianças", todos os domingos, plantamos e regamos as flores.
Fazemos sempre uma pequena oração, mais ou menos assim: eu digo um verso e as crianças repetem; depois digo outro, e assim até ao fim:

Pai, a Ti vêm teus pequeninos,
com graças, hinos, sons divinos;
recebe os dons no teu altar
e torna a alma livre a amar.

Bendito sejas pela manhã,
pelos seus raios de fulgor;
que em cada alvor, em cada aulã,
cresçamos mais em fé e amor.

Bendito sejas ao cair da tarde,
quando as estrelas vêm brilhar;
dá-nos poder que nos resguarde
na névoa triste do findar.

Guia os passos de cada dia,
purifica o coração;
e que o amor Teu mostremos, Maria,
em obra e gesto — e na oração. Amém.

CONVERSA DE AVES

Piu, piu, piu, piu, piu,
pardalitos, pio e mais um friu;
Tuit, tuit — que doçura!
pisco-de-peito-vermelho — ternura;
Tril, trilar, trili-tril,
tordo-das-terras, tão gentil;
"Foste, carriça? Estás aqui?"
Que azáfama! Bom dia a ti.

Tril, pic, tac-tac-tac, tatá,
galrão vaidoso, que pompa há!
Um melro negro — sim, senhor;
bobolink, spink, spunk, spilor,

Te-rolê, te-rolê, te-rolê,
como as aves dançam de prazer!

GOTAS DE ORVALHO PARA AS MINHAS FLORES

As lágrimas do bebé são como gotas de orvalho; o sol beija as flores até o orvalho secar; assim, a mãe beija os olhos e as faces do bebé, e volta o sorriso.
Às vezes, as lágrimas são o único espelho onde o Céu se vê.
Olhando para a terra, o céu límpido reflete-se nas gotas de chuva; assim as lágrimas refletem a alegria do alto.
Pensamentos e atos de amor são como orvalho na flor — revigoram.
Enxuga depressa as lágrimas, se forem egoístas, para melhor veres o sol.
As lágrimas de simpatia não são como as de dor: as primeiras aclararam o espírito; as segundas corroem.
Orvalho para o lírio, temporais para o carvalho; sê gentil com os sensíveis, e bondoso com todos.

RECITAÇÃO PARA O BEBÉ

Olhinhos vivos a ver claridade,
mãos tão macias, de brancura e vontade;
orelhas redondas a ouvir o cantar,
lábios — diz a mãe — qual rosa a brotar;
cabecinha a tramar travessura ao serão,
pés a correrem por todo o chão;
se há mais que eu possa já agora fazer,
espera que eu cresça — então vais ver!

RAIOS DE SOL PARA AS MINHAS FLORES

Nunca sorris em demasia: a alegria é o sol da vida.
As lágrimas do bebé são chuvas de abril. Os sorrisos do bebé são raios de sol da mamã; a felicidade do bebé é a alegria da mamã.
O riso das crianças é como o tilintar de sinos de ouro.

RAIOS DE SOL

Uma recitação para os quatro anos

Vê como os raios beijam as flores,
dançam o dia todo a brilhar;
espreitam pelos beços maiores,
têm mil coisas para contar.

Vê como correm sobre o ribeiro,
reluzem, bailam sem cessar;
no lago, o seu fulgor inteiro
faz-se ouro do céu no olhar.

Vê como brilham no teu cabelo,
cada fio vira metal;
sorriem sempre, de anelo belo —
eu tenho quatro anos, afinal!

Não vês que moram nos meus olhos?
A mamã vê — são puro amor;
quem me dera borboletas aos molhos…
raios de sol, onde é que há flor?

Vê quantos corações alegras num dia; à noite poderás dizer aos anjos: "Tenho raios de sol suficientes para um pedacinho do dia do céu."
Quando o bebé sorri no sono, um anjo beija-o. Quando sorris a quem está triste, os anjos abrem a porta do céu e deixam passar os raios de sol.
Não receies estar alegre. Tal como o nevoeiro e as teias se desfazem ante o sol da manhã, assim foge a tristeza.
O riso é bondade; a troça é sombra.
Os sorrisos dos anjos são ternos como a luz da aurora.

FLORES DO MEU JARDIM

Boas ações são flores levadas pelo vento do verão. Trazem doçura, e o seu fruto é o amor.
Uma palavra gentil pode acalmar um coração triste; um gesto bondoso pode curá-lo.
O amor é melhor que o dever; o dever prende por um dia ou um ano, o amor prende para sempre.
"Amai-vos uns aos outros." Esta é a Rainha de todas as Flores.

Com ela, o nosso jardim enche-se, pois temos Caridade — Misericórdia — Bondade — todos os bons pensamentos e atos, pelo amor mútuo.
A Caridade é uma flor estrelada, filha do Amor.
A Misericórdia é um perfume, irmã da Caridade.
A Bondade é como elas — também filha do Amor.
"Sê bondoso com irmãos e irmãs." "Sê bondoso com os teus colegas."
"Obedece (ama) os teus pais." "Palavras bondosas nunca morrem."
"Bem-aventurados os misericordiosos." "O amor vence todo o medo."
"O amor é mais forte do que a fé."
"A caridade é paciente e benigna."
"A caridade cobre a multidão de pecados."
"A caridade nunca falha."
"O amor cumpre toda a lei."
Destas frases nasce uma grinalda cujos elos, dourados e brancos, são amor.

GOTAS DE DIAMANTE

A Verdade é o diamante da alma; a sua pérola é a pureza e o seu rubi o amor, enquanto o topázio é o conhecimento e a safira a sabedoria.
Sê verdadeiro, e como o diamante límpido brilhará a tua luz.
Como um raio branco e claro, sem nuvens a quebrá-lo, tal é o feixe da verdade.
Uma única verdade pode iluminar o mundo inteiro; mil erros mal sombreiam um canto.
As trevas não irradiam, a luz sim. Assim, o erro e o mal regressam ao coração que os envia; o amor e a verdade iluminam cem mil vidas.
À prisão pode entrar um raio de luz; a escuridão profunda não passa para além da sombra do muro.

O MEU JARDIM DE FLORES (II)

Agora é tempo de semear: estará pronta a terra?
O Espírito é a terra — deve estar livre de restolho e espinhos.
As sementes estão prontas?
As sementes são bons pensamentos e conhecimento, palavras e obras de amor.
E os germes, estão prontos?
Os germes são sementes antigas (pensamentos) que agora vão ser transplantadas.
Como transplantá-las?
Dando mais espaço aos pensamentos; mais governo à própria vida.

E as plantas, já prontas?
As plantas são sementes que já criaram raiz, brotaram e cresceram, mas precisam de ser regadas e tratadas antes de dar flor.
Como se regam?
Cumprindo cada dia o dever e deixando que o orvalho da bondade nos caia na vida.
Como se tratam?
Não deixando crescer espinhos nem silvas; nem ervas que lhes travem o passo; e deixando que o sol do afeto as aqueça.
O que são espinhos, silvas e ervas?
Pensamentos ou palavras iradas, falta de gentileza, mentira, escassez de caridade.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Olhos Azuis

Criança: O que faz as árvores? Como crescem?
Professor:
Cada árvore nasce de um rebento,
um grão minúsculo a acordar;
sem semente não há tronco e vento,
nem flor, nem folha a despontar.
Há vida dentro de cada grão,
— Deus é o Espírito que a dá —
a toda a semente e germinação,
e a tudo quanto vida há.

Tom pergunta: "Por que dão fruto as árvores?"
Porque tudo o que vive há de perdurar; a folhagem vem também para a semente resguardar.
Gostamos das maçãs, e o nosso lar é mais bonito, pois as árvores dão fruto e sombra no lugar. O fruto protege a semente — que leis tão admiráveis nos deu Deus para nos guiar!

Outra pergunta: "Como é o mundo um 'palace car'?"
Quem sabe o que é um "palace car"? Alguns já sabem. Pois bem:
Um palácio é uma casa clara
onde os favorecidos vão;
uma choupana é pobre e rara,
um tugúrio é a degradação.

Um “palace car” é luz, janela,
assento fofo, brilho e cor,
espelhos, painéis, mola bela
que amortece todo o tremor.
E assim, qual bainha protetora,
viajas sem sentir o abalar;
o mundo, estrela sonhadora,
pode ser “palace car” no olhar.
Se virmos sempre o lado lindo,
livres de mágoa e de pesar,
há mundos mais do que supondo
e só precisamos de amar.
Há sóis e planetas maiores,
e estrelas mil no azul dos céus;
mais belos devem ser — fulgores! —
do que este mundo nosso e teus.
Mas se o melhor fizermos, então,
teremos casa de benção e paz;
a terra é palácio em movimento
para o homem, se amor lhe traz.

Rosy Cheeks pergunta: “O que são as estrelas?”
São mundos como o nosso, ou sóis como o que nos dá luz. Cada qual segue na sua órbita; e muito além do que a vista alcança há outros sóis e outros sistemas, movendo-se como bolas de luz pelo espaço, à volta de um centro. Aos teus olhos são pontos brilhantes — adornam o céu como flores na relva — mas são mundos, regidos pelas leis da luz e do movimento. Avançam em harmonia, sem falha, por miríades de léguas, em círculos e sistemas cheios de vida; cada uma um mundo, estrela após estrela, semeando beleza e claridade.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Olhinhos Azuis

Criança: O que faz as árvores? Como é que crescem?
Professor:

De um ténue rebento nasce o freixo,
de cada rebento um grão nasceu;
sem tronco, raiz, nem folha ao jeito,
sem vida dentro… nada cresceu.

Há vida oculta em cada grão,
um Espírito — Deus — que a dá;
Ele é quem dá germinação
e vida a tudo o que viver há.

Tom pergunta: "Porque é que as árvores dão fruto?"
Porque tudo o que vive precisa de durar; a folhagem vem para abrigar a semente. Gostamos das maçãs, e as nossas casas ficam mais belas porque as árvores dão alimento e sombra. O fruto protege a semente — que leis admiráveis Deus nos deu!

Outra pergunta: "Como é que o mundo é um 'palace car' (carruagem-palácio)?"
Quem sabe o que é uma carruagem-palácio? Vejo que alguns sabem; pois bem:

Um palácio é casa luzidia,
onde os favorecidos vão;
a choça é humilde, pobre e fria,
o tugúrio é a privação.

A carruagem-palácio é fina,
janela larga, assento macio;
painéis polidos que a vista inclina,
espelhos, quadros… tudo brio.

Molas por baixo — e não há abalo —,
mal sentes o curso a deslizar;
como uma bainha em doce embalo
que à tua volta te vem pousar.

Também o mundo, estrela querida,
pode ser belo se o souber ver
quem limpa a vista de dor ferida,
sem lutas, mágoas a escurecer.

Mas há planetas, mais luminosos,
e muitos, muitos, maiores que os teus;
sóis e estrelas, céus gloriosos,
que brilham mais no azul de Deus.

Se o melhor fizermos, passo a passo,
teremos lar de eterna paz;
a Terra é carruagem no espaço
para o homem, se amor lhe traz.

Rosy Cheeks pergunta: "O que são as estrelas?"
São mundos como o nosso — ou sóis — que dão luz como o que alumia o nosso planeta. Cada qual corre na sua órbita; e, muito além do que alcança a vista, há outros sóis e outros sistemas, movendo-se como bolas de luz no espaço em torno de um centro. Aos teus olhos parecem pontos cintilantes e enfeitam o céu como flores na relva; mas são mundos, regidos pelas leis da luz e do movimento. Avançam em harmonia, sem falha, por incontáveis milhas de espaço, em sistemas que giram, cheios de vida; cada qual um mundo, estrela após estrela, semeando luz e beleza.

O JARDIM DE FLORES DE OUINA

Uma carta
Franktown, Condado de Washoe, Nevada, 20 de Fevereiro de 1882.

Querida Quina:
Li o teu belo poema, "O Meu Jardim", no *Spiritual Offering*; gostei imenso. Sempre admirei os teus poemas, mas este parece deixar-me conversar contigo. Dizes-nos para irmos ver as tuas "Grutas", se "levarmos uma flor para acrescentar à tua alegria"; eu bem gostaria de o fazer, e creio ter várias no coração. Amo os índios, amo as crianças e amo toda a humanidade; assim, podes dar à minha flor o nome que julgares ser. Talvez, algum dia, no espírito, eu possa visitar o teu jardim.
Tua, no amor e na verdade,
Mattie J. Aylesworth.

Resposta de Ouina
Para a Mattie

Querida Mattie, o espírito da tua carta
chegou quando o meu Lírio d'Água voou;
não pude responder nem dar-lhe a marca,
mas hoje às crianças o teu texto soou.

O teu pensar, porém, há muito fora
plantado entre as minhas flores ao sol;
a carta é só o instrumento que aflora
os botões da resposta no mesmo arrebol.

"Gostas dos meus poemas" — é uma flor,
qual flor de macieira a preferir;
apreço — folha de louro com vigor —,
que acusa um senso oculto a florir.

"Amas o índio" — flor da pradaria,
e um pinho ereto a falar de dó
pelo Homem Vermelho e sua agonia;
sei que o que podes fazer é só.

"Amas as crianças" — límpidos prados:
violetas, malmequeres, ranúnculos rentes;
botões de rosa, aromas sagrados —
as crianças são um jardim de gentes.

Mas o musgo, em veludo verde estendido,
cobrindo a terra em macios retalhos,
cede ao teu passo, carinho sentido —
"amor às crianças" dá tais agasalhos.

O amor da Humanidade é grande árvore,
cresce com toda a força da alma que é tua;
um carvalho livre, abrigo que não esmore,
buscando a meta perfeita do amor na rua.

Pelos altos anseios que em ti florescem,
dou-te uma flor de muito querer:
não do ermo, onde bravas plantas crescem,
mas o Cravo-da-Serra* do alto a arder.

** Este é o teu nome espiritual. — Quina*

UMA SAUDAÇÃO DE MAIO A QUALQUER BEBÉ

Bate palminhas, folhinhas leves,
rebentos, botões a despontar;
a terra tece alegrias breves,
vai e vem, para te saudar.

Passarinhos, cantai por mim,
que a minha voz transborda e cai;
o voo feliz e o doce som, sim,
são vossos dons — a vós pertencei.

Sabeis porquê, flores e aves,
vos peço canto e floração?
Anjos chegaram às nossas naves
e pedem a todos lugar no coração.

Bebés com olhos de orvalho,
bem-vindos aos nossos lares!
Trazem do Céu todo o retalho
de flores para os meninos acharem.

IMORTALIDADE

Criança
Borboleta, onde cresceste?
Serás flor com asas de luar?
Rara beleza que o mundo veste,
de flor em flor te vejo bailar.

Borboleta
Não sou flor nem ave cantando,
não cresci como cresce a flor;
de um sono mudo fui acordando
e vim aos meus ramos em resplendor.

Criança
Como dormiste, ó borboleta?
Que fazias antes de voar?
Guarda o teu silêncio a resposta certa;
quem a decifra? — eu não sei achar.

Mestre
Foi verme humilde no pó rasteiro,
lento a mover-se pelo chão;
teceu mortalha de fio ligeiro
— casulo de seda — e morreu então.

Depois do sono, rompeu a crosta,
asas e cores num só nascer;
assim, da morte que aqui nos encosta,
ergue-se a vida em fulgor de ser.

Transforma-se a alma como a borboleta,
deixa na terra o velho roupão;
com asas do pensamento inquieta,
sobe feliz à ressurreição.

DENTES-DE-LEÃO

Viu o bebé astros dourados, belos dentes-de-leão;
colheu-os, trouxe-os colados, ao peito, como um tesouro na mão.
"Mais flores, mais flores!" — pedia, olhos e dedos a arder,
correndo, sempre corria, varinhas de ouro a colher.

Muitas flores há de achar antes do estio acabar;
com sol ou chuva a passar, dente-de-leão vai durar.
Faces de rosa hão de abrir, dentes de pérola a luzir;
ouro nenhum faz sorrir como a infância a florir.

Astros do campo fulgurantes, o bebé por vós se apaixona;
os seus olhos cintilantes são estrelas que vos coroa, e entoa,
enquanto, aos seus pezinhos, brilha a vossa cor bela e boa.

FLORES PARA SETEMBRO

Vara-de-ouro, vara-de-ouro,
acena o teu bastão amarelo;
inclina-te em meneio louro,
toca-me com o teu veludo belo.

Áster selvagem, púrpura e oiro,
nos teus cálices cor sem fim;
mil matizes num só tesoiro
bordam a estrada até ao jardim.

Junto ao passeio do quintal,
altivas como donzelas são,
desabrocham malvas-reais;
e, trepando o velho murão,

as Manhãs-Gloriosas luzem,
flores de um dia a cintilar;
petúnias brancas se traduzem
no verde em véus a perolar.

Cravos-túnicos, que alegria!
Gladíolos — rubros, carmesim —,
rosa e escarlate em romaria,
alegram todo o nosso caminho assim.

As flores do outono são como a vida:
tons mais fundos, maduros na cor;
crescem brilhantes na despedida,
quando se inclina o dia ao pôr.

UMA MISTURA DE OUTONO

Katy-did saiu a passear
numa noite limpa de setembro;
o Gafanhoto, num talo a saltar,
palrou, palrou sem se calar —
a pobre Katy já nem me lembro.

"Katy-did, Katy-did, Katy-did" —
oh, que foi que a Katy fez?
O Louva-a-Deus (o "locust" a rir)

sacudiu o chocalho a zunir,
e a Coruja: “uh-uh, não te esqueças outra vez!”

Katy-did tremeu, perdeu o tino,
com tanta bulha e turbilhão;
o Pintarroxo cantou baixinho,
o Grilo alegre fez chilrim-rim —
que havia a Katy de fazer, então?

“Katy-did, Katy-did, Katy-did” —
oh, que fará a Katy já?
Tinha um mano a dormir quentinho;
ela escapara sozinha ao caminho;
ele ouviu tudo… e levantou-se lá.

No meio da roda foi avançando:
“Katy-did? Katy-didn’t!” — bradou;
“Uh-uh”, fez a coruja, arrastando;
“piu-piu”, disse o pintarroxo, ajudando —
“Não fez! NÃO FEZ!” — e o rumor cessou.

FOLHAS DE OUTONO

Ouve-as cair, cair, qual sussurro de quem partiu,
vozes da memória a vir, ladrilhando o nosso viu
passo com oiro e carmim — mosaico antigo sem fim.

Do ácer o rubro cintila, do ulmeiro o oiro a nascer,
do choupo o amarelo desfila, variações do nosso dizer;
caem tão leves ao chão… mas, ao contrário das palavras, não
ferem o coração.

Sopradas do oeste em nuvens — castanho-ouro-carmesim —,
nenhum tronco vos detém, ides tecer vosso fim;
brincai ao sol e parti, que a vossa obra se cumpre assim.

Quem dera, como a folha, ao morrer,
ficarmos mais belos na despedida:
feixes de oiro a enaltecer
o lar da nossa vida;

sermos levados, leves, tal como elas são,
num dia claro de outono a brilhar;

e, pela senda, deixar no chão
um rasto alegre a consolar.

Sussurrar tão doce também,
brilhar em névoa de oiro e anil,
como estes vagabundos do além,
beijados por esplendor sutil;
então a Morte seria, enfim,
a mais formosa Irmã do trio sem fim.*

* Nascimento, Amor terreno e Morte.

SOL DE SETEMBRO

Entre as folhas a fenecer,
vê-o a cintilar;
entre os molhos do colher,
vê-o a tremular.
Claro e rico, a transbordar —
quanto sol pode o dia guardar?

Sobre prados redivivos,
campos de novo trevo,
varre sombras e desvios,
por baixo e por cima, ledo.
O poente é redondo e rubro; ao entardecer,
vai-se esbatendo em cinza a anoitecer.

Sobre a corrente, além,
vê-o a dançar, a luzir;
qual sonho que toca o lençol de água — também —,
e beija o salpicar a rir.
Oiro e vermelho, vermelho e oiro:
quanta cor cabe num dia inteiro?

Nos cachos roxos pendidos,
nos pêssegos a madurar,
nas maçãs rubras e abridos,
nos melões raros do pomar —
roxo, vermelho, ocre e oiro ao sol:
quantas cores pode um dia lençol?

Bailando ao sol sem cansaço,
até o dia findar;
meu pequenino, no teu regaço,
ganhaste o oiro do meu olhar:
lábios de púrpura, olhos a rir, cabelo louro ao sol a arder —
todo o sol da vida num só coração caber.

UM CHAMADO DE NOVEMBRO

Um passarinho tardio
veio à porta do meu lar:
"Casal tão doce e abençoado,
há mais um canto a albergar?
É tarde e venho cansado,
na charneca sopra o arado."

— Entra, entra, passarinho,
há lugar no nosso chão;
mal te ouvi o teu trinado,
quis chamar-te ao coração.
Toma água e migalhinhas —
que mais queres que eu te arranjas?

— "Obrigado, só um instante;
logo tenho de partir,
pela charneca adiante
numa missão de luz e amor seguir.
Água e pão, sim, me acude —
espero não tirar-te o que te é rude."

Na primavera seguinte,
quando os dias se alongaram,
do sul soprou vento quente
e ouvimos, como não ouviram,
o mais lindo dos cantares
à porta dos meus lares:

lá estava o pássaro e a sua amada,
no nosso choupo a construir
— o mesmo que veio a nada —
ninho feliz a florir;
e todo o verão encheram
de um canto puro que tecem.

Uma migalha ao frio lançada,
uma palavra ao coração,
ainda que a dor seja calada,
faz feliz quem dá a mão;
boas obras, como aves em abril,
voltam sempre com o seu perfil.

OS NOSSOS DEDINHOS-ROSADOS

Uma história, contada pela Tagarela

Capítulo I

A mamã acabara de pôr a Dedinhos-Rosados a dormir e aconchegou-a no berço, dizendo-me (eu chamo-me Tagarela) para o embalar devagarinho, não fazer barulho e ir chamá-la mal a Dedinhos-Rosados acordasse.

Ora, a Dedinhos-Rosados era o bebé mais doce que já viram, e eu conseguia pegá-la tão bem como a mamã — só que não me deixavam; só fingiam que me deixavam, quando o papá, a mamã ou a Annie a tinham ao colo.

Daqui a nada, cansei o braço de tanto embalar. Tentei com o pé, mas fez barulho e quase acordou a Dedinhos-Rosados; então cantei: "Bai-ó, bebé, bai-ó…" e ela adormeceu. Veio a gatinha brincar com o pendão do meu cadeirão, e eu também queria brincar; peguei nela ao colo e disse: "Chiu, gatinha, a Dedinhos-Rosados está a dormir e não podes fazer barulho, senão a mamã ralha."

Mas a gata pôs-se a ronronar, rrr-rrr-rrr, e eu a pensar que ia mesmo acordar a bebé, quando de repente zás!, a gata deu um salto e caiu dentro do berço — mesmo em cima da Dedinhos-Rosados. Num segundo já tinha fugido, mas a Dedinhos-Rosados desatou a gritar. Eu achei que a conseguia tirar do berço; tentei, levantei-a quase toda, mas era pesada, tive medo, e deixei a Dedinhos-Rosados cair. Fiquei tão assustada que corri e escondi-me debaixo do lilás — mesmo ao pé da gatinha…

Capítulo II

Onde ia eu? Ah, sim… Eu e a gata ficámos quietinhas como ratos, sem dizer palavra. A Dedinhos-Rosados também não fazia barulho e eu pensei que estava morta; então ouvi a mamã entrar a correr a dizer: "Ó meu pobrezinho, meu amor!" E logo, logo, ouvi a Dedinhos-Rosados gritar e gritar, e fazer aqueles choros sem respirar, e a mamã a acalmá-la sem parar. Eu também chorei — baixinho, para a mamã não ouvir; depois mais alto e mais alto, porque achei que

ela se tinha esquecido da pobre Tagarela e já não me queria ver nunca mais, só porque eu quase tinha matado a Dedinhos-Rosados; e eu só tentei pegá-la para ela parar de chorar.

Chorei cada vez mais e até desejei que a Dedinhos-Rosados nunca tivesse vindo viver connosco, porque a mamã dantes sentava-me sempre ao colo; e agora já não vinha, só mandava a Annie dizer: "Pára com esse barulho, Tagarela malcriada; a mamã está a pôr a querida Dedinhos-Rosados a dormir e tu vais acordá-la, menina má." Depois a Annie agarrou-me pelo pulso e puxou-me debaixo do lilás e disse que tinha de ir para a cama e não ver mais a mamã naquele dia — e eu gritei o mais alto que pude. A Annie levou-me pela porta de trás, escada acima, e meteu-me na cama — e ainda nem estava escuro. A gatinha veio ver o que se passava, e eu acho que a Dedinhos-Rosados é um bebé muito traquina para fazer assim.

Capítulo III

De manhã já me tinha esquecido da Dedinhos-Rosados. A mamã entrou, deu-me um beijo e disse: "Como está a minha Tagarela nesta bela manhã?" Daqui a pouco veio a Annie com a Dedinhos-Rosados, toda de branco, para ir dar um passeio (a Dedinhos-Rosados não anda, a Annie leva-a ao colo) e, mesmo no nariz da Dedinhos-Rosados, estava um galo grandalhão — e ela ficou tão engraçada! Ela riu-se para mim e eu ri-me, e eu não pedi à mamã para mandar a Dedinhos-Rosados embora (por ter chorado tanto por um galo tão pequeno). Acho que a mamã preferiu não falar do assunto para não ferir os sentimentos da Dedinhos-Rosados.

A mamã foi mesmo boa e eu não disse nada; só baixei a cabeça e a mamã beijou-me e disse: "A filhinha da mamã não torna a fazer, pois não?" Suponho que ela queria dizer a Dedinhos-Rosados. A mamã é tão boa que eu decidi perdoar à Dedinhos-Rosados — e tu, perdoavas? Mas nunca mais a tirei do berço, com medo que chorasse. Adeus; quando acabar de brincar com a gatinha conto mais coisas sobre mim e a Dedinhos-Rosados, mas a mamã diz que por hoje a história já chega. Adeusinho.

UM CONTO DE FADAS

Viviam três fadas numa gruta junto ao mar. A mãe delas (também fada) morava no mundo de cima, mas, por motivo que não sabiam, aquelas três meninas-fadas viviam ali. A maré subia duas vezes em cada vinte e quatro horas e fechava a entrada da gruta. Não havia sol, nem lua, nem estrelas lá dentro, mas, quando as três fadas estavam presentes, o lugar iluminava-se como por muitas lâmpadas cintilantes; e havia joias e flores brilhantes pendidas do teto.

A primeira das fadas era pálida e pensativa, testa serena e olhos grandes, sempre voltados para cima em oração; sempre que a maré estava alta e não podiam sair, sentava-se silenciosa, resignada, dizendo: "Eu posso esperar; não tardará, a maré há de baixar."

A segunda fada era lindíssima, olhos azuis e cabelos de ouro, faces como rosa damascena; corria sempre até à boca da gruta: "Vai baixar já," dizia da água, e passava sem cessar para cá e para lá, inquieta — e era sempre a primeira a sair quando podiam.

A terceira era calada, mas sempre ocupada, tornando agradável o pequeno lar e fazendo mil coisas no fundo da gruta.

Sempre que a maré baixava, as três fadas saíam da gruta e iam visitar a mãe, no seu belo lar lá em cima. O que ali se dizia e ouvia, um dia contarei; mas a primeira voltava ainda mais calma e com olhos mais brilhantes; a segunda, mais alegre e formosa; e a terceira, mais atenta e trabalhadeira.

Um dia, depois de visitarem a mãe, sentaram-se as três perto da entrada, a ver a maré a subir. A primeira nada disse; a segunda falou: "Não viveremos sempre aqui; por que não ficamos com a nossa mãe no seu mundo lindo?" A primeira respondeu: "Não tardará; podemos esperar." A terceira correu para o fundo e pôs-se nas suas tarefas de amor.

Certa vez, quando a primeira e a segunda foram ver a mãe, notaram que a irmã não estava. Ao regressarem à gruta, não a acharam; mas, no fundo, brilhava uma luz. Seguindo-a, viram um corredor que levava, levava para a claridade; e foram andando até darem por si na casa da mãe — e a irmã estava lá. **Ela** abrira aquele caminho para fora da gruta até ao lar da mãe, e já não precisam esperar pela vazante: agora passam livremente, quando querem.

Quem são as três fadas? Quem é a mãe? Que é a gruta e o mar?

A gruta onde moravam é a vida humana; o mar são as circunstâncias exteriores, e o fluxo e refluxo da maré são as mudanças da vida. A primeira fada é a **Fé**, que

espera com confiança perfeita, sabendo que a sua hora virá. A segunda é a **Esperança**, sempre inquieta e jubilosa, a correr na frente. A terceira é as **Boas Obras**, inspiradas pela Fé, alentadas pela Esperança, mas sem as quais a Esperança e a Fé nada valem.

A mãe destas três belas irmãs é o **Amor**, cujo lar está no Céu; mas entre ele e a gruta da vida cá em baixo, Fé, Esperança e Boas Obras têm comunhão constante. A Fé pode esperar que as circunstâncias mudem e a aproximem do Amor; a Esperança pode alumiar o caminho sem cessar; mas as Boas Obras vencem as circunstâncias e **abrem passagem** até à casa do Amor — e assim, em toda a hora, a mãe destas três fadas benditas está perto. Agora já percebes o que quer dizer um conto de fadas.

JOE, O CORCUNDA

Uma história baseada em factos

Capítulo I

— Se faz favor, senhor, a minha irmãzinha pode entrar para se aquecer?

Isto foi dito ao Sr. Armstead, cujo semblante benigno convidava ao pedido. O rosto sorridente do Sr. Armstead iluminou-se ainda mais quando se voltou e viu a pequena figura deformada, o rosto negro e os olhos espantosos de Joe, o corcunda.

— Claro, Joe, entra.

O grande fogão ardia vivo, e o Sr. Armstead continuava ocupado atrás do balcão; mas ergueu os olhos a tempo de ver que a irmãzinha do Joe era quase um bebé, tinha o rosto oval e vivo e olhos faiscantes, e não era mais escura do que uma mulata clara. Ficaram ao lume, a aquecer-se, olhando o vidro, os candeeiros e outras coisas brilhantes e bonitas da loja; de repente, algures no prédio, um piano começou a tocar. A irmã do Joe, a pequena Nell, ficou a escutar, muda de espanto e de alegria.

— Tens um "pianho"? — perguntou por fim, aproximando-se do Sr. Armstead e ouvindo sem parar.

— Sim, tenho um.

A pequena Nell continuou a escutar e, passados uns minutos, tornou a perguntar:

— Posso ver o "pianho", Sr. Armstead?

— Bem, não sei… talvez. — Havia um brilho bem-disposto nos olhos dele, e o Joe pensou que estava a brincar; por isso disse:

— Sim, Nell, olha ali — e apontou para um contador de gás debaixo do canto da secretária.

Joe era vivo de espírito e percebia quando alguém gracejava, por isso disse:

— Obrigado, senhor — e pegou na mão da Nell, saindo porta fora, a pensar que o Sr. Armstead era um homem esplêndido, mas "muito engraçado".

O Sr. Armstead chamou-o de volta e, atirando-lhe uma moeda de vinte e cinco cêntimos, disse:

— Joe, traz-me mais achas, por favor; gostei das que trouxeste da outra vez.

— Obrigadinho, sim, trago hoje — respondeu Joe.

E lá seguiram pela rua, ele a ajudar a irmã com muito cuidado e ternura. Ao passarem, um cavalheiro disse:

— Como vai isso, anãozinho?

— E o senhor, gafanhoto? — atirou Joe; e o homem alto sorriu, pensando quão pronta era a espirituosidade escondida naquela pequena figura e a imaginar o que o mundo teria reservado para o "pobre Joe". Uns rapazes gritaram atrás dele: "Olhem o Joe, o corcunda! Aí vai o Joe, o corcunda!" Os olhos do Joe faiscaram, mas manteve a mão na da Nell e disse: "Anda, mana", enquanto primeiro um ar de desafio e depois de dor lhe atravessava o rosto mirrado — mas, ah, como brilhavam aqueles olhos!

Daí a pouco encontraram uma senhora idosa e bondosa, que lhes falou amavelmente:

— Bom dia, meninos. Joe, vejo que és muito bom para a tua irmãzinha; Deus te recompensará.

— Não quero recompensa, minha senhora; não quero paga por fazer o que gosto. Vou recebendo o meu pagamento, dia a dia. — Mas pensou: "Gostava era de dar uma lição àqueles convencidos que me chamaram corcunda… se calhar vou mesmo precisar de recompensa, se os perdoar."

Pouco depois chegaram a casa — uma casinha caiada, arrumadinha, com apenas dois aposentos e um pequeno quintal de rabanetes, cebolas, batatas e milho.

A "mammy" veio recebê-los à porta:

— Estes meninos são mesmo bons, vieram logo; fizeram tudo o que te mandei, Joe?

— Sim, mammy, mas…

— Mas quê, Joe? Alguém te tratou mal, ou esses rapazes ruins andaram com partidas?

A cara do Joe mostrava que algo o magoara, mas a mammy limitou-se a dizer:

— O Senhor manda perdoar a quem te fere.

Joe lembrou-se da lenha para o Sr. Armstead, deu à mammy a moeda e correu a buscar o feixe.

Capítulo II

A pequena Bessie Armstead brincava no quintal, junto à casa do pai. Havia ali, num canto do jardim, uma cisterna; a água que descia do telhado ia para essa cisterna e servia para regar as hortaliças e as flores. Alguém deixara a tampa aberta e, no momento em que o Joe entrava pelo portão para anunciar que trazia a carga de achas, ouviu um grito de criança e viu a Bessie desaparecer na cisterna. A Sra. Armstead, pálida e em pânico, chegou à porta mesmo a tempo de ver a sua menina sumir-se.

Num instante, Joe agarrou uma corda forte, prendeu uma ponta à vedação, certificou-se de que ficava segura e, sem hesitar, tirou o casaco e desceu pela corda. Segurando-se com uma mão, procurou a menina, apanhou-a pelo vestido quando ela afundava pela segunda vez e manteve-a fora de água. A Sra. Armstead chamou por socorro e uns homens, que trabalhavam no quintal vizinho, acorreram — não um segundo cedo demais, porque o Joe já mal conseguia suster-se à corda com uma mão.

Ajudaram-nos com cuidado a subir, improvisando um laço com as cordas que trouxeram; e o Joe foi içado com a menina, que estava inconsciente, mas depressa recuperou.

Joe não era muito robusto, e o choque deixou-o de cama por semanas; foi tratado com muito carinho pela "mammy", que agora carregava um peso dobrado, pois os tostões do Joe ajudavam a "manter o lobo longe da porta".

Cheios de gratidão por ele ter salvo a querida Bessie, o Sr. e a Sra. Armstead não lhe pouparam atenções, e muitos mimos foram ter ao leito do pobre Joe. E ele teve outras consolações. Um dia, o Sr. Armstead entrou e notou os olhos do Joe fixos numa visão distante; sentou-se devagarinho numa cadeira junto à cama e ouviu o Joe sussurrar:

— Aí vem o Mestre Jesus, vejo-O a brilhar… Oh! e ali está a maninha Lily, branca como a neve… Lá não há caras negras…

O Sr. Armstead pensou que o Joe estava a morrer e que aquilo era um aviso, mas Joe voltou-se sorridente e disse:

— Bom dia, Sr. Armstead. Estou melhor e vou ficar bom em breve.

Depois contou-lhe, com grande vivacidade, o que vira, e que o "bom Jesus" lhe dissera para sarar outra vez, mas que nunca seria direito e alto como os outros rapazes. "O Mestre disse: 'Essa é a tua cruz, Joe', e eu acho que tenho de a levar."

O Sr. Armstead foi para casa, ao almoço, em profunda meditação.

— Mulher, começo a pensar que os dias dos milagres e das visões ainda não acabaram — disse, após um longo silêncio.

— Eu nunca achei que tivessem acabado; acredito que temos espíritos à nossa volta — respondeu ela.

— Sim, eu sei que tu sempre disseste isso, mas o pequeno Joe convenceu-me.

Contou então o que o Joe tinha visto e dito, e a Sra. Armstead ouviu com lágrimas nos olhos; depois de uma pausa, disse:

— Acredito que algum anjo da guarda ajudou o Joe a salvar a nossa Bessie; naquele dia, ele parecia um anjo.

Capítulo III

Joe estava novamente de pé e já podia fazer a sua parte para ajudar a "mammy": levar recados, cortar e vender achas, e outros biscates pela aldeia. Mas o olhar distante e o brilho invulgar nos seus olhos permaneciam.

A "mammy" sentia por ele uma espécie de respeito reverente. Tentava ensiná-lo e, às vezes, ralhar-lhe; mas as palavras morriam-lhe nos lábios e ela própria se assustava por pensar em voz alta:

— O Senhor ensina tudo a esse menino… não vale a pena eu tentar!

Um dia, o Joe foi fazer uns "servicitos" para a Sra. Blake, mulher do Dr. Blake, advogado. Eram gente folgada, e os aldeões tinham grande respeito pela ciência jurídica de "Simeon Blake, advogado e consultor". Mas o Sr. Blake era "incrédulo" quanto ao cristianismo ortodoxo, o que afligia a sua frágil esposa e incomodava os vizinhos, porque ele não se ligava a templo algum.

Quando chegou a casa para o chá, nesse dia em que o Joe lá estivera, disse à Sra. Blake:

— Vejo que tiveste cá o Joe, o corcunda. Que estranha mistura de astúcia e superstição, de facto.

Ainda não olhara para a esposa; quando o fez, viu que o rosto, habitualmente sereno, estava muito pálido e agitado, como se estivesse a querer contar-lhe algo.

— Que se passa, meu amor? Estás doente?

— Não… mas, se não fosse o Joe, a casa tinha sido toda roubada.

— Como foi, mulher? Aposto que estavas um pouco nervosa!

— Não, espera até ouvir — disse a Sra. Blake. — Sabes que os pintores andavam a usar a escada grande e deixaram-na encostada à casa. Andei muito ocupada todo o dia na parte de trás; e o Joe estava a arrancar ervas e a tratar de umas coisas no jardim. Ao meio-dia, os pintores foram-se embora, e logo ouvi algo cair, e soltei um grito. Quando corri à porta lateral, lá estava o Joe a puxar a escada para baixo.

"— Sra. Blake, tranque todas as portas; há um ladrão lá em cima."

— Eu tinha trancado a porta do meu quarto quando desci. E agora um vadio subira pela escada; o Joe fez a escada cair e o homem ficou no nosso quarto. Se você estivesse na vila, o Joe teria ido buscá-lo; como não estava, ficou de vigia e nós chamámos o primeiro vizinho que passou — por acaso, o reverendo Brownlow. Veio muito excitado e pediu uma pistola para subir ao quarto. Lembrei-lhe que seria melhor chamar um agente da lei, e ele correu à esquadra.

O desgraçado lá em cima, vendo que a retirada pela escada estava cortada, tentou, ao que parece, todas as portas e janelas e, finalmente, em puro desespero, trepou sobre a varanda e deixou-se cair, do outro lado, para o chão; e, antes que o reverendo e o polícia voltassem, já tinha ido. Mas não roubou nada; creio que foi perseguido, mas não sei se foi apanhado. E o Joe ficou sempre a vigiar-me, a dizer-me para "não ter medo", que mal nenhum haveria de vir. Sinto-me agradecida ao Joe; se eu estivesse sozinha, podia ter acontecido algo pior.

O Sr. Blake empalideceu e disse, em voz alta:

— O Joe é corajoso, e devemos fazer tudo o que pudermos por ele. Mas tu, meu amor, ficaste exausta com este caso; tenta não pensar mais nisto. Agradeçamos à nossa estrela que nada de pior aconteceu.

Mas isto não foi o fim.

Capítulo IV

Os oficiais da lei andavam no encalço dos ladrões que, com tamanha ousadia, tentaram entrar em plena luz do dia na casa do Sr. Blake para a assaltar. Mas ao Joe essa parte do caso não agradava: no íntimo, desejava que eles tivessem "uma oportunidade justa" de conhecer o "Mestre Jesus"; acreditava que fariam melhor. Tão valente como fora a proteger a Sra. Blake e a salvar a Bessie Armstead do afogamento, encolhia-se à ideia de caçar aqueles fora-da-lei que, a ele, lhe pareciam mais dignos de pena do que de culpa.

Diziam que o Joe tinha corpo miúdo e cabeça pequena para raciocinar; mas a cabeça era luzida e os olhos brilhantes, e nele havia um sentir que parecia sexto sentido — adivinhava as coisas. Por isso, quando chegou a casa nessa noite, não se surpreendeu ao encontrar uma rapariguinha de treze anos sentada bem encostada à mammy, com olhar de bicho perseguido que se tornou sorriso ao ver o Joe — e ficou muito bonita quando percebeu que não havia perigo. Levava uma guitarra e, depois de corridas as cortinas, cantou baixinho doces canções para o Joe, a mammy e a pequena Nell — esta adormeceu depressa nos braços da mammy.

Lita, pois assim se chamava a menina, fora vista pelo Joe a rondar a casa do Dr. Blake antes e no próprio momento em que os ladrões lá andavam; conquistou-o com aquele ar pálido e aflito, e ele segredou-lhe:

— É melhor ir, menina, para onde esteja a salvo; vi um homem subir à janela pela escada — há de ser apanhado de certeza — e a menina não tem ar de ladra.

Em dois tempos mostrou-lhe o caminho para a casa da mammy, e foi ali que Lita encontrou o cuidado e o descanso de que precisava. Mas sempre que a porta se abria ou se ouvia ruído na rua, sobressaltava-se e ficava lívida.

— Não tenhas medo, filha — dizia a mammy —; se és inocente, mal nenhum te virá: os cordeiros é que Ele guarda.

A mammy não forçou Lita a contar a história. Recebeu-a porque o Joe a mandara, e, depois de o Joe lhe ter dito tudo o que sabia, ainda assim a rapariga não foi interrogada nem suspeitada. Lita cantou então, à guitarra, esta cantiguinha:

> Era um passarinho e um ninho,
> tão doce, tão doce;

todo o dia dormia o passarinho,
tiuí, tiuí, meigo e doce,
todo o dia, todo o dia.

E as lágrimas corriam pelas faces da mammy ao pensar que talvez Lita fosse "o passarinho".

Capítulo V

Estavam ali, na casita da mammy, a passar um bom bocado, quando o ouvido agudo do Joe apanhou o som de vários passos; Lita sobressaltou-se de novo, como quem teme perigo. O Joe ainda lhe fez sinal para se esconder, mas já era tarde. Bateram à porta, que se abriu à entrada do xerife e de dois cabos — e, atrás deles, um homem de olhos matreiros e expressão sinistra, que disse:

— É aquela rapariga, senhor. Segui-a até aqui.

De facto, vinham prender a Lita; de nada valeu à mammy protestar que a julgava "mais pecada do que pecadora". E o Joe, com uma luz estranha nos olhos, acercou-se dela e murmurou docemente:

— Os anjos hão de guardar-te, menina; não temas.

Não permitiram, porém, que o Joe a acompanhasse até à cadeia — onde a responsável pela ala de mulheres a recebeu, na verdade, com bastante gentileza, e até o carcereiro, brusco, lhe lançou um olhar de pena. Interrogaram-na, e algumas peças de roupa roubadas numa vila vizinha dois ou três dias antes chegaram para a deter, embora pouco pudesse dizer dos autores do furto. Parecia chocada, aturdida — e com pavor do homem de aspeto sinistro que viera com os agentes e a apontara. Recuava dele como flor murcha; o oficial responsável notou o mau olhar do homem (de nome "detetive") e resolveu então colocar-se entre a rapariga e qualquer mal maior do que aquele que, nessa noite, lhe viera.

O Joe não conseguia sossegar; correu até à casa do Dr. Blake e, vendo luz, ousou ir à porta do gabinete, no rés-do-chão, que dava para a varanda. Bateu; o Sr. Blake veio à porta-janela francesa, que também servia de entrada.

— Joe? Tu aqui! Espero que nada se tenha passado com a mammy ou com a pequena Nell!

O Joe contou, breve e nitidamente, tudo o que sabia sobre a Lita, e disse:

— Eu sei que é advogado, senhor, e achei que tem bom coração; se der um salto ao tribunal quando a trouxerem amanhã, há de ver que ela não fez mal nenhum.

O Sr. Blake apontou cuidadosamente tudo o que o Joe lhe disse e assegurou que, por certo, se interessaria pelo caso. O Joe, então, foi dar a volta pela cadeia; não vendo maneira de falar com ninguém, teve de ir para casa esperar pelo amanhecer.

Quando contou à mammy o que fizera, ela disse:

— Olha, o Sr. Blake pode não temer a Deus, mas ama os filhos de Deus; e isso vale tanto como o resto, se não mais.

Nessa noite o Joe sonhou que arrancava a Lita das mãos do "detetive" sinistro e a levava para um lugar seguro, onde estavam Jesus e os anjos; e como foi feliz quando o Mestre lhe disse: "Joe, tens a alma branca como a neve." Acordou a ouvir música celeste — e uma das vozes soava como a da Lita.

Capítulo VI

O Joe mal conseguia "guardar a alma em paciência" até de manhã; ainda cedo, foi a correr à casa do Dr. Blake, o mais cedo que lhe pareceu decente. Não vendo sinal do advogado no gabinete, deu a volta à casa; a Sra. Blake avistou-o e fez-lhe sinal para entrar na sala de jantar, onde se sentaram a conversar — tinham acabado o pequeno-almoço.

— Agora conta-nos, Joe, tudo o que sabes daquela rapariga ali — disse o Sr. Blake.

O Joe percebeu que falava da Lita; contou que a vira rondar no dia em que o ladrão entrara no quarto da Sra. Blake; que lhe parecera " tão infeliz, tão perdida " que não devia pertencer à quadrilha; e que lhe dissera para ir para a casa da mammy, porque sentia que o ladrão seria apanhado e ela acabaria por ir parar à cadeia. — Mas veja, Sr. Blake, eu cá não acho que ela seja ladra.

— Confessas, não confessas, que as aparências estão contra ela? — disse o advogado.

— Sei que sim — respondeu o Joe, com aquele brilho estranho nos olhos —, mas, Sr. Blake, eu tenho as minhas razões… às vezes dizem-me coisas.

— Quem te diz, Joe? E que coisas queres tu dizer? — perguntou o homem letrado, já conhecedor das falas estranhas do miúdo.

— Pois não sei se o senhor entende… mas há outra voz que, às vezes, me fala; e os anjos dizem que ela é "uma das pequeninas de Deus, que não devem ser magoadas".

Voltou-se para a Sra. Blake, que tinha os olhos cheios de lágrimas e murmurou:

— É tão nova… há de haver grande injustiça algures.

O Joe baixou a voz, hesitante mas firme:

— Sr. Blake, quem é esse "detetive"? É daqui da terra?

— Não creio, Joe; pelo menos nunca o vi. Talvez o xerife o conheça. Vejo que desconfias dele… Dizem que é preciso um patife para apanhar outro patife; pode ser que esse "detetive" saiba mais dos roubos do que esta pobre rapariga.

E, voltando-se para o Joe:

— Vem ter comigo às dez, no tribunal.

O Joe saiu daquela sala acolhedora, onde ficavam dois corações quentes interessados no destino da pobre Lita.

— Sabes, querida — disse o Dr. Blake —, o Joe é um enigma para mim; às vezes, penso que ainda me há de converter à crença no sobrenatural.

A Sra. Blake sorriu docemente e calou-se — discreta, para não quebrar o encanto que, ao que parecia, envolvera o espírito do marido —, mas por dentro rezou: "Deus queira que assim seja."

O Joe foi a casa ver se a mammy e a Nell precisavam de algo; tratou dos recados e levou outro feixe de lenha ao Sr. Armstead. Ao voltar, encontrou o Sr. Armstead mais agitado do que era costume, mas este parou para lhe dizer:

— Joe, roubaram-me cinquenta dólares. Não é muito, é certo, mas é mais do que um pobre pode dar-se ao luxo de perder. Vi o patife quando saiu da loja e tentei segui-lo, mas escapou-se-me. Vou já ao tribunal falar com o xerife; lá andam todos os cabos por causa daquela pequena que prenderam com fazendas roubadas.

Capítulo VII

A sala do tribunal estava apinhada: não se sabia se a fama da juventude e beleza de Lita se espalhara, ou se a população flutuante da vila não tinha melhor que fazer do que assistir às audiências.

O tribunal abriu com um ou dois casos de pequeno furto e, em seguida, trouxeram a jovem Lita perante o juiz. Estava lívida e nos olhos trazia o mesmo olhar de caça encurralada — agora ainda mais intenso. Notava-se que estava muito fraca, fosse por exaustão física, fosse por medo, ou por alguma angústia mental.

O juiz sobressaltou-se ao fitá-la, e parecia contrariado por ter de se dirigir a alguém tão novo, acusado de crime ou cumplicidade.
— Que a ré se levante.
Lita não o conseguiu; a cadeira que, à partida, haviam colocado no banco dos réus ainda a sustentava, quase desfalecida.
— Como te chamas?
Os lábios moveram-se, sem som articulado; um dos advogados inclinou-se e apanhou o sussurro:
— Lita, senhor.
Um murmúrio de simpatia correu a sala; a "mammy", presente, rompeu em soluços.

— Lita… e que mais?
Nada respondeu, e o tribunal passou a ler a acusação: cúmplice de furto, por se lhe terem encontrado objetos roubados em seu poder, e por ter sido vista na companhia de indivíduo conhecido por assaltar casas, na véspera da entrada na casa do Sr. Blake; fora vista nas imediações e seguida até à casa de Joe, o corcunda, que parecia conhecê-la.

Chamaram Joe. A presença dele pareceu aliviar Lita. O procurador, depois de cochichar com o "detetive" já referido, começou:
— Nome?
— Joe Williams.
— Profissão?
— Faço biscates, senhor: vendo achas, trabalho em jardins e em casas.
— Não tens ocupação fixa?
— Não, senhor. Um como eu não aprende bem um ofício; mas trabalho duro na mesma.

Joe era bem conhecido na vila; viram-se muitos acenos de aprovação na assistência.
— Conheces a arguida, Joe?
— Conheço-a um bocadinho, senhor. Gostava de dizer exatamente o que sei.
— Não; limita-te a responder ao que te pergunto. Como e onde a conheceste?
— Vi-a na rua, diante da casa do Sr. Blake; pareceu-me sozinha e com fome, e mandei-a a casa da mammy.
— Já a tinhas visto antes?
— Não, senhor.
— Estava com alguém?
— Não, senhor.
— Sabias o que trazia consigo — o relógio e outras coisas —, depois achadas

como produto de furto?
— Não, senhor.
— Viste-a falar com alguém?
— Vi, senhor. Falou com o homem que subiu pela escada à casa do Sr. Blake.
— Pareceu-te que o conhecia?
— Não sei, senhor; podia estar a pedir esmola.
— Ela contou-te algo de si, da sua história?

A defesa protestou.
O Sr. Blake, que se oferecera para patrocinar Lita quando lhe perguntaram se tinha advogado, opôs-se: aquilo não era prova. O tribunal deu-lhe razão.

— Viste-a falar com o homem depois de ele sair da casa do Sr. Blake?
— Não, senhor; ela já tinha ido embora, e ele fugiu.
— Porque a mandaste para tua casa?
— Porque achei que podia ser um dos cordeirinhos de Jesus ao relento.

— Chega.

As respostas diretas e simples de Joe convenceram a assistência de que dizia a verdade.

Tomou-se prova de que os objetos roubados tinham sido encontrados com Lita, e de que fora vista, antes de entrar na vila, na companhia de um indivíduo notório, supostamente o ladrão.

Nesse momento, entrou o Sr. Armstead, olhou em volta e desapareceu. A mammy viu-o; o Sr. Blake também.

Ia começar o depoimento do "detetive" quando Lita, ao reconhecê-lo, soltou um grito e caiu desmaiada. Levaram-na para fora — e o Sr. Armstead entrou dizendo ao xerife:
— Prenda o seu homem.
O xerife agarrou o detetive pelo braço:
— Está preso, por furto.
O Sr. Armstead disse umas palavras ao Sr. Blake; este falou ao juiz, e o juiz declarou:

— O tribunal não pode prosseguir hoje. A jovem Lita é libertada da qualidade de arguida, não se tendo provado acusação contra ela; fica, contudo, detida como testemunha. Sr. Blake, confio-lha, mediante a sua garantia de que comparecerá quando for chamada.

Capítulo VIII

Um sentimento estranho penetrara o coração do juiz Warren, magistrado perante quem Lita fora apresentada. Uma inexplicável ternura. A sua vida fora solitária, com interesse triste e quase trágico. Só alguns amigos íntimos conheciam os pormenores do seu desgosto doméstico, e estes evitavam qualquer alusão a um passado de dor, em quem sempre parecera tão silencioso e distante nos pensamentos. Uma vida atarefada, primeiro na advocacia e agora como magistrado, ajudara-o a não se demorar nas mágoas.

Ao regressar a casa, ia absorto no passado, nas alegrias mortas e nas esperanças murchas que outrora foram cheias de luz. Murmurou algo que um transeunte ouviu:
— Estarei louco, por esta fantasia selvagem se ter apoderado de mim?
O transeunte ergueu os olhos, surpreendido por palavras tão estranhas vindas do juiz Warren; vendo-o absorto, passou sem mais.

Nessa noite, Lita ficou na casa clara e acolhedora do Dr. Blake; nunca mãe alguma cuidou com maior ternura de sua filha do que aquela boa cristã (no espírito de Cristo — a Sra. Blake não era hipócrita) cuidou daquela criança. Lita estava fraca e desfeita pela cena no tribunal; tombou num desmaio longo, pálida como a morte, como estátua de mármore. Poderia parecer talhada para rosto e figura da desgraça, se não fosse tão jovem — tão cheia de algo que chamava por coisas melhores.

Instalaram Lita num quartinho contíguo ao da Sra. Blake, preparado como quarto, para receber todos os cuidados; e a Sra. Blake, entrando e saindo, atendia-a e orava por aquela náufraga "que podia ser uma das Suas pequeninas".

Pela tarde, o juiz Warren entrou no escritório/biblioteca do Dr. Blake, com o coração a bater esquisito, a perguntar pela saúde da rapariga e a desejar saber tudo o que ele soubesse sobre ela. O Dr. Blake narrou o que Joe lhe contara: que a vira com o homem que entrara em sua casa; que o Joe achou que ela parecia cheia de saudades e perdida, e a enviara a casa da mammy; e que nada mais se sabia. — Mas, — concluiu — todos vemos que ela é mais "pecada do que pecadora"; está-lhe escrito em cada traço.

— É tudo o que sabe, Sr. Blake? — perguntou o juiz, com voz muito séria.
— Tudo. Mas tentarei saber mais com aquele patife de detetive; o Sr. Armstead contratou-me para o levar a julgamento — será no seu tribunal, juiz —, e creio que ele está metido nisto até ao pescoço. Não é detetive de boa cepa, e o

Armstead pode jurar que foi ele quem lhe roubou 50 dólares da gaveta do balcão, em plena luz do dia.

O juiz Warren retirou-se, ainda a estranhar o interesse que aquela jovem desvalida lhe despertava.

Capítulo IX

Na noite seguinte aos factos do capítulo anterior, Joe teve um sonho — ou visão. Viu uma senhora belíssima — um anjo, pareceu-lhe — aproximar-se do seu pobre leito; tocou-o com mão fresca e macia e disse:
— Agradeço-te, do meu lar celeste, por restituíres a minha filha aos braços do pai. Sou a mãe da Lita; morri de tristeza quando ma roubaram.

Joe acordou com o "Deus te abençoe" ainda a soar-lhe; lembrava-se de cada palavra. Viu como a senhora-anjo se parecia com Lita — e perguntou-se quem seria o pai. Chamou a mammy — não conseguia dormir — e contou-lhe tudo, palavra por palavra, o que ouvira e vira.
— E agora, mammy, que hei de fazer?
— Espera, filho; o Senhor guia-te ao Seu tempo — respondeu a mammy, fervorosa.

Joe ficou em oração até romper o dia; tomou um pouco de alimento — sem apetite, cheio da visão — e correu à casa do Dr. Blake (era amigo verdadeiro e saberia ouvir e decidir — assim ia pensando Joe, guiado pela senhora-anjo, embora não a visse então).

— O quê? Tu, Joe, a estas horas? — disse o Dr. Blake, que saíra à varanda a respirar ar fresco.
— Sim, senhor. Posso falar consigo no… no escritório, senhor? — hesitou Joe, na palavra "escritório", como ouvira, às vezes, chamar à biblioteca.
— Claro, meu rapaz. Entra.

— Que se passa? — perguntou o advogado, que aprendera a ler aquele brilho nos olhos de Joe: vinha notícia importante.

— Tive mais visões, senhor… e disseram-me coisas. — E contou o "sonho" da noite anterior com tal precisão que o Dr. Blake percebeu que Joe tinha visto e ouvido (ou cria ter visto e ouvido) tudo quanto dizia.

O Dr. Blake empalideceu, porque — depois da visita do juiz Warren, na véspera — ele próprio andara a remexer no passado, em simpatia com o amigo; limitou-se a dizer:

— É muito estranho, Joe. Não digas nada a ninguém; mas já aprendi que os teus sonhos querem sempre dizer qualquer coisa.

Ao saírem, entrou o Sr. Armstead, apressado:
— Sr. Blake, venha à cadeia; o carcereiro diz que o indivíduo está a morrer e quer vê-lo — a si ou ao juiz Warren.

O Dr. Blake foi chamar o juiz e apressou-se, com o Sr. Armstead, para junto do desgraçado, que, pelo visto, tomara veneno — já tarde para socorro. O médico dos presos fora buscar mais ajuda; estava lá o sacerdote; o juiz Warren chegou quase ao mesmo tempo. O preso fez sinal ao juiz e disse, baixo mas nítido:

— Estou a morrer, juiz Warren, e estas são as minhas últimas palavras; Deus me ouve — são verdadeiras. Lita é sua filha — raptada mesmo à porta da sua casa, por vingança, por uma puniçãozita que recebi, por seu intermédio, às mãos da justiça. O meu nome é Dan Drake; tenho sido vagabundo e criminoso sempre. Mas nenhum mal lhe aconteceu: eu tencionava devolvê-la logo que a recompensa fosse bastante grande. O Billy Reves é o meu comparsa; ele far-lhe-ia mal se eu não o tivesse feito temer que o entregava, juiz. Eu queria dinheiro… mas acabou-se. Vi a mãe da menina ontem à noite — tal como estava quando gritou, ao ver-me agarrar a pequenita e levá-la — e ela não parecia zangada… só sorriu, com um olhar de pena. Não pode rezar por mim, juiz — mas não me… amaldiçoe…

O desgraçado arquejou. Um tribunal mais alto recebera a alma do falso detetive.

O juiz tratou das exéquias, pediu ao carcereiro que aprontasse tudo para o funeral no dia seguinte ao seguinte e, depois, com o rosto pálido mas transfigurado de alegria, com uma leveza que há anos não sentia no passo, foi a casa do amigo. Joe estava lá. O Dr. Blake chamou a esposa à parte — e, poucos minutos depois, o juiz Warren estava na presença da filha, batizada com o nome da mãe falecida, Letícia — a quem chamavam Lita.

Nunca houve maior júbilo do que no coração de pai e filha. O Sr. e a Sra. Blake choravam; o Sr. e a Sra. Armstead rejubilavam; toda a vila em ação de graças — a menina, perdida há tanto, fora restituída aos braços do pai.

— Joe, converteste-me — disse o Dr. Blake.
E Joe, erguendo o rosto com o brilho nos olhos:
— Não, senhor. Foi o bom Senhor. A senhora-anjo está contente. Eu… vou para casa.

Foi para casa da mammy — e, nessa noite, os anjos levaram-no ao seu lar. Fizera a sua parte, e disse à mammy que ficaria perto, a abençoá-la.

Toda a vila acorreu ao funeral e, junto da mammy e da pequena Nell, o juiz e a Lita, o Sr. e a Sra. Armstead com a Bessie, e o Sr. e a Sra. Blake, foram os que ficaram mais perto do caixão.

PRIMAVERA

[Um drama representado todos os anos]

ATO I

A TERRA (fala)

Sinto o antigo esplendor do Sol chamar-me além das barras equinociais, rumo ao solstício da Primavera.
Sinto de novo as algemas de gelo a derreter, a esvair,
tremores de doce prazer a trespassar, com júbilo, o meu peito gasto e secular.
Acordo como de um sono demorado; nesse dormir, o meu corpo ia vestido de neve — qual sono que chamam morte.
O gelo atou-me; e os poderes cativos nada respondiam ao apelo das estrelas, às ondas do éter a pulsar em derredor.
Que oiço eu? Uma voz, em sons dourados, chama-me de novo à vida!
Mais uma vez, meu espírito salta para saudar o Sol.

O SOL (fala)

Desperta, ó Terra que dormes! Há muito, com beijos quentes,
te toco a fronte e a face, respiro sobre as tuas gentes;
há muito que os meus raios tolhem o rei do Inverno do norte,
e a Primavera, à espera, pende do meu carro forte,
mandando-te de longe suaves aragens por meu querer.
Ó Terra, filha minha, que em mim te vens entretecer,
em mim teu brilho luz: vão meus calorosos dons,
revive o antigo impulso — e jovem tornas, sem senões;
riquezas mil de graça hás de outra vez guardar:
o esplendor que em ti floresce eu torno a despertar.

A PRIMAVERA (fala)

Acorda, acorda, ó Terra! Sou o espírito de todo o nascer!
Venho nos raios do Sol: para mim toda a vida há de correr.
Raízes, germes ocultos — sobre vós respiro, sem chamar;
ouvem-me, e seus pés apressam a marcha do calar.

Aves e seres, tudo responde com asas, com canto e ar:
todas as notas são minhas — a mim pertence o tilintar.
Toco-te e encho-te; trespasso os teus outeiros tisnados
com lanças verdes de erva, palpitações ao passar nos prados.
Sou espírito em chama: são meus os nomes, a forma, a flor,
cada folha e sopro de vida que vence a morte e a dor.
Acorda, ó Terra! Do trono o Sol te chama a vir;
sou sua mensageira — do Verão o bom porvir.

O INVERNO (retirando-se, rosnando ao Sol e à Terra)

"Tenho de ir? Ha, ha, ha, ho! Ouvi correntes a tinir, clarins a soar:
sou rei de gelo e neve — mas dizeis que 'vou, vou, vou' deixar?
Tive a Terra sob poder — minha escrava, meu quinhão;
comigo reinou a Morte — sem nós não nasce o coração.
Vou, mas deixo o meu tenente: o vento norte vos há de doer,
cada flor precoce toma de assalto — podeis crer.
Muitas flores HUMANAS há de ceifar — ousará!
Mas quando as temos, viram pó: só bolor é o que nos dá.
Fomos batidos? Deus é justo; o Espírito vive, há de viver.
Vou, vou, mas tornarei, quando o florir findar de ver;
quando o Outono oiro entornar, como dantes tomo a palha a arder."

ATO II

FLORA (fala)

Vinde, meus filhos — flores luzentes — vinde ao meu terno chamar!
Arbuto, responde da tua toca silente; hepatícas, beldades da entrar!
Anémonas estreladas — acordai, pisco cantor!
Jacintos bravios — violetas — vinde ao meu amor!
Ouvis a minha voz, respondeis ao meu clamor;
ventos quentes cortejam-vos, zumbe a abelha no labor.
Fetos e musgos do vale orvalhado, despontai!
Vede as bétulas com amentilhos, vejam-se os bordos a inchar;
castanheiros, abri botões, estandartes a desfraldar
no ar da primavera — não temais o vento agreste de rachar:
não vos tocará, queridos — não temais, meus bens;

não sentis no rosto o sorriso da vossa mãe?
Pequeninos, vinde à luz — já cá estão amor e bem.

O ARBUTO (fala)

Mãe Flora, escuto o teu chamado amado,
que me faz vibrar o coração — rejubilo, exaltado!
Quebraram-se as algemas frias,
soam de novo as doces alegrias.
Trago a oferta rósea, tímida e gentil:
sou das primeiras flores do abril.
Cera e perfume entre folhas de outono,
quais esperanças que nascem do abandono.
Sou símbolo do amor primeiro;
perto de mim todo o sonho é verdadeiro.
Ó mãe Flora, volto a dizer:
o Inverno não há de permanecer.

O PISCO-DE-PEITO-RUIVO (canta)

Tuit-tuit, tuit-tuit, tuit-tuit,
o vento norte a mim não me intimida um dit.
No lado ao Sol do telhadinho
faremos ninho — eu e o meu carinho;
os noivos lá na casa estão,
e nós também — que união!

Te-tró, te-tró, tralá, tralá,
quantos amigos a chegar!
Marido meu, que tal meu brilho?
Os teus parecem livro novo, mesmo estilo.
Os donos riem de prazer:
na varanda nos querem ver.

Ah, sweet, ah, sweet — (ah, doce som),
voa ligeiro o nosso dom;
a Primavera já sorri —
este lugar é bem daqui.
Vi a noiva pôr no relvado um laço;
de certo é para nós — viu-nos no passo.
Ah, sweet, ah, sweet!

ATO III

AS VIOLETAS (falam)

Vimos, vimos, ao vale sombrio,
onde o talude é musgo macio;
no prado claro, no charco e no chão,
semeamos céu em constelação;
pois nossos olhos são azuis — viemos da casa da luz;
no vir, o tom do firmamento
foi tecido no nosso alento.
Vimos alegrar o coração
que anda curvado de aflição;
perante os olhos que têm amor,
florimos, humildes, com primor;
e à criança, para a tornar contente,
trazemos recados do céu ridente:
pois tens nos olhos esse anil
que do lar alto te sorriu;
o azul do dia te emprestou
para brilhar no amor que é teu.

O RANÚNCULO / BOTÃO-DE-OURO (fala)

Botõezinhos de ouro, estrelas de luz,
aqui estamos com cálices que o Sol traduz;
no prado, à beira do regato a correr,
por todo o lado — qual sonho a nascer.
Sol em teia dentro do peito,
cada pétala dá júbilo perfeito;
olhos de bebé sempre a cintilar
quando o nosso amarelo vêm encontrar.
Somos quais raios — nem altos nem reis —,
mas brilhamos na primavera e no outono, outra vez;
fazendo a nossa parte a Terra a alegrar,
felizes por ser luz — felizes por brilhar.

OS PRADOS (falam)

Aqui vão milhões de lanças em verde brilhar,
rasgando a treva onde o inverno quis ficar;
podemos estender tapete ao teu passo, contente,
fazendo a armação para a flor doce e fragrante.

Não somos guerreiros à caça de renome;
as nossas espadas, com jóias de orvalho, ganham só coroa de nome.
Somos a "guarda de corpo" de Flora e do seu cortejo,
abrimos caminho a sol e chuva — esse desejo.
Junto à sebe, ao regato, no prado e no campo,
onde houver um bocadinho, um fio damos pronto.
Se um gesto de beleza achar lugar p'ra nascer,
como a erva há de espalhar-se por toda a terra a crescer.

FLOR-DO-VENTO* (fala)

Eis as minhas flores — estrelas a luzir,
pálidas de rosa, de azul a tingir.
Com o vento morno venho à tua visão,
em cambiantes muitos, tom sobre tom.
Primeiro, sem folhas — só flores a vir,
apressadas, a Primavera a saudir;
coroando de graça o novo do ano,
acenando e rindo a tudo, ufano.
Depois tenho de morrer — mas da raiz
sobem haste e folha — um caule feliz;
e desse fio nasce a flor de novo,
pálida — estrela no céu do povo.
Como o espírito num corpo sou eu
quando a beleza me traz à luz do céu;
como alma liberta no alto clarão,
é o meu segundo florir — puro fulgor em canção.

***** Hepática — Anémona.

CHUVA (fala)

Pinga, pinga, plim-plim, plim-plim, patinar;
aí vimos nós, contentes, outra vez a chegar —
das nuvens a voar, a voar sem parar,
chuva alegre da primavera a cantar.
Bolinhas de cristal, gargalhada a correr,
a perseguir rapazes e meninas a valer;
pelos campos atrás, pousando no cabelo e face,
um beijo nos caracóis — que a luz enlaça e abraça.
Beijamos botão e flor,

árvore e lâmina de verdor;
no seio da flor-do-vento repousamos,
faíscas breves — e lá nos vamos.
Murmura, cintila, murmura, refrão,
agora inundamos de prata o chão;
que tempo de sementeira, que doçura!
sempre após a chuva morna da estação.

ATO IV

A TERRA (canta)

Agitam-se agora os meus pulsos de novo,
cheios de vida e de estranho amor;
toda a florzinha, com orvalho ao renovo,
vem provar-me a alegria em seu fulgor.
Febo(1) monta o carro, cada dia,
para meu gosto e meu louvor;
Flora(2) sai com toda a companhia,
Collona(3) coroa os montes de esplendor;
Orfeu(4) entoa o seu refrão contente,
Pan(5) dedilha o seu canudo cantor;
Diana(6) manda o barco de prata luzente,
carregado de flores puras, sem pudor,
entre Náyades(7) e Ninfas(8) lá no fundo a bailar,
para os bosques das Fadas(9) enfeitar.
Cantam nos soutos casais em união;
pombas e andorinhas voltam ao lar;
Eros(10) reacende o amor de Edém(11) no coração
e encontra a sua casa original a brilhar.

FLORA, AS FLORES, FOLHAS, ERVAS, AVES, CHUVA, RIBEIROS, CRIANÇAS E TODOS OS SERES (cantam)

Alegria! Alegria! A Primavera torna a nascer;
a Terra é formosa e feliz a renascer;
ergue-se do longo inverno de dor,
já não gelada, muda, sem cor.
Jubilai, jubilai, tudo o que vive e é!
Pelo simples ser — cantai em fé!
Dai louvores ao Dador do Bem,
na voz mais doce e grave também.

FLORA, FLORES, ERVAS E FOLHAS (cantam)

Louvamos, louvamos o Bom Dador,
pela vida e o prodígio da beleza em flor;
louvamo-Lo em solidão,
louvamo-Lo no vale e no balcão.
No outeiro e na planura O bendizemos,
no jardim perfumado O engrandecemos;
em doce estribilho O celebrar,
em todo o canto florir para O louvar.

(1) Febo, o deus do dia — o Sol; (2) Flora, deusa (mãe) das flores; (3) Collona, deusa dos montes; (4) Orfeu, deus dos ventos; (5) Pan, deus da música, inventor da flauta de canas; (6) Diana, a Lua, deusa dos bosques e da pureza; (7,8,9) Náyades, Ninfas e Fadas — espíritos das águas, bosques e fontes; (10) Eros, deus do Amor; (11) estado de felicidade e beleza (Éden).

AVES (cantam)

Cantamos louvor, cantamos louvor,
da madrugada ao sol-poente com ardor;
voamos, chilramos, em canto e fervor,
até findar a vida em júbilo e cor.
Louvamo-Lo em voo, no ar a vibrar,
louvamo-Lo no ninho, no doce pousar;
quando a canção nos salta do peito,
cantamos e louvamos em todo o leito.

CHUVA, RIOS E FONTES (cantam)

Louvamos o Dador de todo o bem,
em águas cristalinas que o brilho têm;
murmuramos no bosque além,
cintilamos no regato também.
Pingamos, murmuramos — louvor a correr;
damos de beber à semente e ao crescer;
silentes, com vozes que ninguém vê,
fluímos em louvores por todo o pé.

CRIANÇAS, GRANDES E PEQUENAS (cantam)

Louvamos-Te, Pai-Mãe, ó Deus de Amor,
porque vida e amor vencem a dor;
pelo verde tapete louvamos também,
por cada pulso e respiro — ámen.
Pela graça da Primavera inteira,
pelo prado e a flor altaneira;
pelo canto e a asa sem par,
pela água — poder de vida a brotar.
Pela terra, pelo ar, pelo céu sem véu,
pelo corpo e o vestir que nos deu;
mas sobretudo pelo dom do amor,
que vence o inverno sombrio da dor.
Pela primavera da alma, ó Pai de luz,
louvamos-Te em pensamento que Te conduz;
em atos guiados por amor fiel,
amamos e louvamos-Te em todo o papel.

COROA DE LÍRIOS

(dada a Mrs. Nettie P. Fox por Ouina, pela boca da sua médium, Water Lily, em Ottumwa, Iowa, 29 de agosto de 1882)

Se a senda da vida fosse feita de flores,
e as flores da vida fossem joias e cores,
e os tesouros dos seus vergéis,
fossem diademas do espírito — leis;
se, ao longo do passo cansado,
por vezes, junto ao pé hesitado,
visses brilhar uma luz de saudade,
que ficasse, que fosse amizade,
nunca haveria manhã sem fulgor,
nem meio-dia sem alto esplendor,
nem hora sem música a derramar
o que no íntimo quer cantar.

Dentro do peito enlaçada,
na alma e acima — consagrada —,
não há sinal, nem há som,
que não nasça de verdade e de dom.

Não há pensamento proferido
que não busque o cimo erguido —
o cimo mais alto, longe do clamor,
e do engano da noite do dor.
Não há graça ou dádiva tua
que não quisesses dar à rua,
mesmo no posto que te coube viver,
se alguém mais puro e livre pudesse ser,
mais sábio e livre, por teu poder.

E da dor, do cuidado, da prova,
ergue-se a arca que te renova;
e os anjos — sem tu os saberes —,
colocam ali talismãs e quereres.
Eu coro-te agora com luz imortal,
como a alma recebe a coroa ideal;
consagro-te ao justo — serviço e prova —,
a Coroa de Lírios do Amor te envolve e renova.

ESCUDO DA VIDA E ESTANDARTE DA VERDADE

(dado ao Coronel D. M. Fox por Ouina, pela médium "Water Lily", em Ottumwa, Iowa, 29 de agosto de 1882)

Aqui não há tibieza: seja o que for,
fazes com mente, alma, peito e vigor;
não há caminho a meio, nem passo dividido —
a mente num trilho, o coração escondido.
Da nascente secreta, a fonte se abre:
toda a força se rende ao curso que a sabe.
Não há sonho oculto, nem dote por atalhar,
nem vereda mais reta por onde demandar;
não há fim escondido, senão a vontade
de ser e fazer — uma só finalidade:
o mais alto pensar que a mente alcançou,
o sentir mais puro que o peito encontrou.
Seja o que for que a vida teça,
seja o que o céu te desvaneça.

Assim, no passado, ao outro altar,
onde foste — o coração ficou a amar;

a asa sonda da vida inteira
fez dessa entrega a fé verdadeira.
Quando de lá saíste, em lume e chama,
veio contigo a flama que te inflama.
Há prontidão de alma e dó pronto,
lágrima pronta ante o pranto,
mão que dá força — tanto quanto
possa o espírito em ti ser manto.
Mas sobretudo — vida consagrada
a um só propósito, meta sagrada:
a **Verdade** na terra — dita e cumprida,
e o selo do céu na sua nascida.

Fortes são os poderes que sobre ti se inclinam,
brilham os anjos na via que ensinam;
recompensa de amor puríssimo desce
da fonte que em ti permanece.
Recebe, pois, este **Escudo da Vida**
e o **Estandarte da Verdade**, sem ferida.

"A ESTRELA CRISTAL DA VIDA"

[Poema de nome, dado por Ouina a Mrs. Hull, médium de materialização,
na sua casa em Brooklyn, 13 de março de 1882.]

Como a gota de orvalho, cristalina,
Onde o Céu brilha e as estrelas se inclinam;
Como um ar claro, que ilumina,
Por onde imagens divinais fulminam;
Como uma gema onde a luz
Reflete o azul que o firmamento traz,
Assim teu espírito, que se conduz
Oculto aos olhos, revela o Amor e a Paz.

Tão mudo-luzente como um set
De jóias no seio da Terra-mãe,
Por Fé posto em Amor, diadema e valete,
Vencendo a carne que a vida tem;
Tão límpido como o orvalho matinal
Que treme no seio do lírio casto;

Tão radioso como um junho estival
Quando as estrelas sobem ao Céu, no seu fasto;

Tão firme e inteiro na tua fé,
Tão verdadeiro como a Polar,
Tudo isso, e teu amor, de pé,
Vencerão a morte e onde os imortais há, triunfar.
Mas quando a luz se desvendar,
E os traços do teu bem revelar —
Flores suaves, que se ocultaram,
E imagens do Céu que em ti pousaram —,
Transfigurada, como a quem se vê de longe, em paz,
Serás então erguida e colocada onde a glória jaz.

"FLOR RUBI"

[Poema de nome, por Ouina, dado à pequena Carrie Miller Cook, de Brooklyn,
neta de Chas. R. Miller, do "Psychometric Circular".]

Dos pátios do Espírito vêm, em cantos,
As doces crianças da terra em flor,
Botões e flores, de breves encantos,
Que abrem no Céu seu novo fulgor;
E da morada etérea descem
Anjos formosos, de eterna luz;
Quando à terra os passos tecem,
Guardam estas flores que o Amor conduz.

Voam à tua volta a brincar,
Como aves no estio a chilrear,
Cantando sempre, a celebrar,
Num claro repique de acordar.
Um dom especial foi concedido
Quando esta criança ao mundo veio:
Sinais de amor-luz, bem rendido,
Um astro do Céu no seu diadema cheio.

E os que ministram do Alto a amparam
No caminho brando do seu viver,
Guiam-lhe os pés, para que não pousem

Em espinhos prontos a a ferir;
E dádivas, como estrelas de cristal,
Pairam-lhe a fronte, e no olhar se movem,
Qual brisa mansa de manhã estival
Que os ramos toca e os sonhos envolve.

O Amor curva-se ao seu caminho
Como arco-íris por sobre a tez;
E formas de pequeninos, de mansinho,
No Céu por cima dela caminham vez a vez.
Vão e vêm, deixando sinais
De quanto amor lhes corre no peito;
Cada ano novo dá mais
Luz e poder, por claro efeito:

Seres do Alto passam perto
Do teu olhar, fiel vigia;
Renovam o afeto descoberto
Como flor aberta no sol do dia.
Oh, como rosas são as palavras
Da infância aqui entrelaçada,
Tão alegres como aves lavras,
Tão cheias de graça encantada!

Doces dons de graça hão de vir,
Tecendo à mente um fino véu;
Seus ministérios hão de florir,
E a terra alegre louvará o Céu.
E todo o pensamento, em graça,
Transfigurado em bela canção,
Para abençoar a doce praça
Do seu lar na terra e no coração.

Recebe este dom divino,
Um selo vindo de Altura nova,
Brilhante como o astro alpino:
É a Flor Rubi do Amor que chove.

A "ÁRVORE BÁLSAMO" E "ESTRELA DE PRATA"

[Sr. e Sra. Geo. A. Bacon, em comemoração das Bodas de Prata, 14 de outubro de 1882, por Ouina, através de Mrs. Cora L. V. Richmond.]

Ouvi, nas brisas de outono, os sinos de prata soar,
Tecendo encantos e memórias puras, doces de escutar.
Falam das núpcias, quando a aurora tingia a vida de rosa,
Quando, em ramagem viçosa, o Amor tecia a coroa formosa.
Falam de uma doce "Bela"*, cujo amor, como voz do Céu, ressoa,
Ondas que em dever e afeto se unem numa só pessoa.
Os sinos de prata continuam, fazendo grinaldas luzentes,
Como lírios à lua, como flores junto aos altares candentes.

Falam de lida e de dor, da névoa que envolve a existência,
Mas dizem que o Amor borda a prata por dentro da aparência.
Falam de obras bem cumpridas, de verdades perseguidas,
De vitórias conseguidas, de mãos aos aflitos estendidas.
Falam de bravas palavras por cativos e por sofredores,
De homenagem aos que chamam "mortos" — mas vivos, doutores,
Que, como estrelas que ascendem, mais prateadas lá no alto a arder,
Deixaram barras de prata na terra, a conduzir ao Bem-Querer.

Falam de aspirações puras, de vencer todo o egoísmo,
De amizade que perdura, de um terno oculto lirismo.
Eis a riqueza — não contam
A prata de avaro nenhum;
Têm mesa ampla, onde apontam
A tranca do Amor sempre comum.
Se a vida se mede em dar, o seu palácio hoje luz;
Se a moeda é "como viver", seu cofre é brilho que seduz.

Se as jóias da vida são ideias, trazem coroas bem lavradas,
Em prata casta, sem areias, nestas bodas coroada.
E sigam os sinos cantando até que a prata em ouro mude,
E tudo o que a memória abriga sem mancha alguma se escude;
Que tudo o que a esperança ergue em grinaldas se converta,
E as fontes de prata, em ondas de luz dourada, alma aberta.
Tocai, sinos de prata, mostrando quão doce é o descer da estrada:
Tocai, até que o grão da vida amadureça… para a BODA DOURADA.

**Filha do Sr. e da Sra. Bacon.*

MANZÁLIA

[Uma flor bravia do Colorado.]

Áspera de folha e haste erguida
Do chão ressequido, em feixe guardada,
Flor prometida por Deus à vida,
Sacral colheita, oferta dourada.
Espera que o meio-dia decline,
E o sol se vá, em brando arrebol;
Então teu brilho na terra define
Glória que dura até cair do sol.

Estrelares, alvas, as pétalas puras,
Com estames-luz perfumam o ar;
Não uma só, mas muitas criaturas,
Um campo de astros a se multiplicar.
Ao cair da tarde, quando acima
As estrelas nascem de leve clarão,
Floresceis em coro, divina rima,
Símbolos do Céu ao nosso chão.

E quando a "via estelar"
Ilumina a senda celeste que vem,
De cada haste vos vejo brilhar
Outra "estrada de estrelas" também.
Como aprendestes vós a florir
Neste deserto árido, sem véu,
Dando ao ermo um doce fulgir,
Com a assinatura da mão de Deus?

Assim aprendamos nós a crescer,
A clarear cada sítio mortal,
Até que a vida se ponha a arder
Do vosso ensino, celeste e igual.
Manzália, astro que o Céu revela,
Dá-nos lição tão clara e contente,
Até que a véspera da morte, bela,
Nos guie a flores ainda mais brancas, eternamente.

UM CONTO DE NATAL

PARTE I.

— Agora que o papá não vem para casa, não podemos ter Natal — disse o Freddie à Annie, enquanto estavam sentados junto ao lume, na sala de estar. E o Freddie começou a ter pensamentos mesmo muito sombrios; achou que o mundo não valia a pena se não houvesse Natal — a mamã estava doente e a tia Hilda dissera que o Pai Natal não podia vir naquele ano porque o papá estava ausente; a tia Hilda havia de saber, pois era muito mais velha do que o Freddie ou a Annie, e devia saber mais sobre o Pai Natal; mas por que razão esse bom velhinho havia de ficar longe só porque o papá tinha partido, nem o Freddie nem a Annie conseguiam entender.

— Talvez seja porque agora não temos fogo na sala de visitas, como a mamã está doente, e sabes que o papá mandou tapar a chaminé para não entrar o frio — disse a Annie. Falavam os dois em sussurro, porque a mamã estava doente e deitada no quarto ao lado; mas, com o ouvido apurado que o amor e a doença dão, ela escutou as vozinhas ansiosas e disse:

— O que dizem os meus tesouros? É qualquer coisa sobre o papá, eu sei, porque ouvi o nome dele.

A Annie e o Freddie entraram de mansinho no quarto da mãe e disseram, enquanto a beijavam com ternura:

— Não te preocupes, mamã; estávamos só a dizer como seria bom se o papá pudesse estar aqui pelo Natal — disse a Annie.

— Não, mamã, eu disse… — e o Freddie sentiu-se meio envergonhado com o que ia confessar, pois, de algum modo, achou que isso faria a mamã sentir-se mal — eu disse que achava uma grande pena não podermos ter Natal, porque o papá está fora e o Pai Natal não pode vir.

Um olhar de dor passou, de facto, pelo rosto da mãe, mas ela sorriu e disse:

— Eu sei, meus queridos; é difícil para vocês, e dá solidão, mas vamos tentar pregar uma partida ao Pai Natal desta vez; que vos parece pensarmos em fazer qualquer coisa de bonito por outra pessoa? Não quero dizer comprar algo, mas fazer algo — e convidarmos o Sr. Pai Natal a dar um salto para descansar e aquecer-se, sem que tenha de deixar seja o que for. Se conseguirmos decidir-nos a ser felizes fazendo o bem a alguém… então, a minha menina e o meu menino vão tentar ter um "Feliz Natal", mesmo que o Pai Natal não venha?

Uma ideia luminosa ocorrera à Annie — via-se pelo sorriso que lhe iluminou a cara — e, quando deram à mamã as "boas-noites", a Annie chamou o Freddie à cozinha, onde podiam falar sem serem interrompidos. A tia Hilda fora tratar da doente, e a Betsey, a criada e cozinheira, dormiam no canto, junto ao lume da cozinha. A Annie expôs o seu plano ao Freddie; ao princípio, ele pareceu um pouco duvidoso e confuso, mas depressa os olhos lhe cintilaram e entrou no plano com o maior entusiasmo; faltava uma semana para o Natal e teriam tempo de sobra. Assim, quando a tia Hilda veio deitá-los, as suas línguas iam num rodopio, a contar-lhe como iam "pregar uma partida ao Pai Natal" e ter, afinal, um "Feliz Natal".

PARTE II.

Na manhã seguinte, a Annie trouxe à luz o conteúdo de uma caixinha muito pequena — todo o seu pecúlio terreno: cinco dólares, amealhados ao longo do tempo; uma parte era um presente de anos de um dólar, outra — vinte e cinco e cinquenta cêntimos — eram mimos que o papá lhe fora dando em diferentes ocasiões. O Freddie trouxe o seu pequeno "banco" de moedas e encontrou quase dois dólares. Chamaram a tia Hilda ao conselho.

— Agora — disse a Annie —, quero um roupão quentinho para a mamã e um par de pantufas de enferma; quanto é que isso há de custar?

— Ora bem — respondeu, meiga, a tia Hilda —, consigo um muito bom por três dólares, e eu trato de o fazer com a ajuda da Mary (a Mary era uma vizinha que estava sempre pronta a dar uma mão a tudo o que fosse bom); as pantufas, essas, arranjo eu sozinha.

— Então — disse a Annie —, queremos convidar o velho tio Ben (o manco, sabes), e a sra. May, a pobre viúva, e a sua filhinha Daisy, e o Tommyezinho, o menino zarolho, "para o chá"; e queremos fogo na sala de visitas, para não fazermos tanto barulho para a mamã.

— E — acrescentou o Freddie — queremos convidar o Pai Natal para o chá, mas ele não precisa de nos dar nada; sabes que ele fica muito cansado e com frio.

— E — fez coro a Annie — queremos fingir que o papá vem para casa e que estamos a fazer isto tudo por ele; por isso, por favor, tira as pantufas dele e o seu chambre do armário e deixa tudo preparado, queres, tia?

— É só isso? — disse a tia Hilda, puxando fundo o ar. — Até me tiram o fôlego com tantos planos; mas vamos ver o que a Betsey pode fazer para nos ajudar.

E lá foram todos para a cozinha. A Annie tinha a certeza de que podia ajudar a fazer o bolo e uns biscoitos bons para o chá. A Betsey assegurou que faria qualquer coisa por uma "pequena rainha" como ela, e a Annie ficou radiante. Ela e o Freddie foram à mercearia comprar tudo o que era preciso, e a tia Hilda foi comprar o tecido para o roupão da mamã. Tudo havia de ser segredo para a mamã; por isso, o Jim, o homem negro que fazia biscates pela cidade, foi chamado para limpar a chaminé e desobstruir a tiragem.

Sempre que a Annie e o Freddie entravam no quarto da mamã, traziam um ar tão feliz que ela percebeu que tinham descoberto qualquer coisa que os divertia e agradava; adivinhando a meia que aquilo era segredo, não lhes perguntou nada.

Era a véspera de Natal — a noite marcada para a festa. O fogo na sala de visitas estava aceso; os convidados que a Annie e o Freddie tinham chamado já lá estavam. O "tio Ben" tinha um rosto jovial e, embora fosse só e pobre, toda a gente o estimava, por ser tão afável e bom.

— Não tenho uma véspera de Natal assim há coisa de quarenta anos — disse ele, chegando-se ao lume e olhando enternecido para a Annie, que correu a abraçá-lo com força.

Depois veio a sra. May, pálida e magra, mas a sorrir docemente, com a pequena Daisy, de olhos vivos, a saltitar ao seu lado. A Daisy vestia um vestido que fora em tempos da Annie e que assentava muito bem àquela pequena.

— Que amabilidade terem-se lembrado de nós — disse a sra. May à tia Hilda —, e a sua irmã está doente também; receio que toda esta agitação seja demais para ela.

— Oh, não — disse a tia Hilda —, isto é tudo ideia das crianças e foi, em parte, para surpreender a mamã que se planeou tudo. Ela já consegue sentar-se e será trazida para aqui na cadeira de baloiço.

Veio, então, o Tommyezinho, que não tinha casa e vivia com o sr. Brown, o carpinteiro. Olhou para o fogo acolhedor e, reconhecendo a Annie e o Freddie, aproximou-se timidamente quando eles o chamaram. O grupo inteiro parecia feliz. A mesa do chá estava posta na sala de visitas e era um bonito quadro. Quando tudo ficou pronto, a "mamã" (a doente) foi trazida — com o seu roupão novo e as pantufas, e com um ar muito, muito feliz. O Freddie e a Annie correram a beijá-la e a dizer-lhe que estava "simplesmente linda" no seu roupão quentinho (cor de vinho, guarnecido com faixas de veludo macio na gola e nos punhos). A tia Hilda colocou uma cadeira à cabeceira da mesa e pôs o chambre na cadeira e

as pantufas no chão, ali perto, para o papá, tal como a Annie lhe pedira. As crianças andavam ocupadas a ajudar.

Quando todos já se tinham sentado e a Betsey entrou com o chá e os biscoitos "a fumegar", disse a tia Hilda:

— Annie e Freddie, vocês disseram que queriam que o Pai Natal viesse tomar chá. Têm mesmo a certeza de que o querem? Não terão medo?

— Oh, por favor, deixe-o vir; só queremos que ele se aqueça e beba um chá — disse o Freddie.

— Então, Freddie — disse a tia Hilda —, vais à porta da frente e dizes: "Bem-vindo, sr. Pai Natal; entre para o chá."

Sem um instante de hesitação, o Freddie foi à porta e disse:

— Bem-vindo, Pai Natal; entre para o chá.

Alguém entrou, sim, mas, para surpresa do Freddie, em vez do sr. Pai Natal era o papá, que apertou o seu menino nos braços e depois tomou a Annie, que correu para ele dizendo:

"Ó papá, nós só estávamos a fingir…"

— Ó papá, nós só estávamos a "fingir" que te fazíamos uma festa de surpresa… e tu vieste mesmo. A tia Hilda e a mamã mostravam-se felizes, embora não assim tão surpreendidas como as crianças. Depois, o papá falou a toda a companhia e sentou-se no seu lugar, não sem primeiro vestir o chambre e calçar as pantufas. Foi uma véspera de Natal feliz: o tio Ben contou histórias, a sra. May sorriu, e a Daisy, o Tommy e o Freddie tinham o seu próprio jogo num canto da sala.

O Pai Natal veio, nessa noite, e a Annie disse muito confidencialmente ao Freddie, quando na manhã seguinte olhavam os presentes de Natal, que acreditava que o Pai Natal "sempre soube que o papá ia voltar a casa". O Tommy, a sra. May, a Daisy e o tio Ben também receberam a visita do Pai Natal; a mamã parecia "quase boa" no dia de Natal, e o papá disse que gostava que eles "continuassem a fingir" que o surpreendiam sempre que ele voltasse a casa. — Mamã — disse o Freddie no dia de Natal —, divertimo-nos imenso, mas não pregámos uma partida ao Pai Natal, nem pensar.

O papá mudara de ideias quanto a vir para casa; assim, enquanto as crianças preparavam uma "surpresa" para a mamã e deixavam os amigos felizes, convidando-os para o chá, a mamã e a tia Hilda guardaram em segredo que o papá vinha a caminho.

Mas as crianças nunca souberam como é que o Pai Natal descobriu que o papá regressava e que a chaminé da sala de visitas estava aberta para ele poder descer.

PLANÍCIES E DESFILADEIROS

(Carta escrita por Ouina, através da sua médium, no Colorado.)

MEUS QUERIDOS MENINOS: — Enquanto a "Lírio-de-Água" e a "Safira" andam por aqui, no ar límpido e no sol puro das planícies e montanhas, acho que vos vou escrever sobre estas maravilhosas "obras da Natureza", e continuarei a história do meu mundo quando elas regressarem.

AS PLANÍCIES

são amplidões contínuas, sem verdura além da erva (às vezes) e de um arbusto esbranquiçado a que chamam *sage-brush*. As planícies não são planas, mas onduladas, embora, vistas de muito longe, pareçam lisas. Há, por vezes, ribeiros; ao longo deles crescem árvores e os "ranchers" encontram água para o gado. Um *ranch* é uma quinta de ovelhas ou de gado; às vezes nem há edifícios, só uma espécie de cabana feita de terra, com telhado — mais quente no inverno e mais fresca no verão do que os "tipis" dos rostos-pálidos. Há poucas luas das colheitas, os homens vermelhos viviam aqui, caçando búfalos e antílopes para comer, e levantavam os seus *tipis* (tendas) ao longo das margens dos cursos de água. Os Utes, os Kiowas e os Cheyennes andavam por aqui; cada tribo tinha os seus terrenos de caça; depois subiam aos "contrafortes" e aos desfiladeiros para descanso e abrigo das tempestades — e também por causa da água.

OS CONTRAFORTES

são colinas pequenas (parecer-vos-iam bem grandes se estivessem isoladas na pradaria, longe das montanhas) que iniciam a serra — tal como quando começais a correr devagar, e depois mais e mais depressa, até irem o mais veloz que podem, assim estas colinas começam, descem e sobem, cada vez mais alto, até que, por fim, os cumes maiores se erguem acima de todos. O Pikes Peak tem muitos contrafortes, pelo que mal se percebe quão alto é; mas a montanha Cheyenne, um pouco a sul daqui, sobe diretamente da planície como um muralhão; tem uma crista muito afiada no alto e muitas rochas esquisitas talhadas pelas tempestades.

OS DESFILADEIROS

são gargantas, ravinas fundíssimas abertas nos flancos das montanhas por ribeiros que descem sem cessar pelas suas encostas. Esses cursos, nascidos do degelo, às vezes tornam-se caudais poderosos e cortam a rocha; enormes matacões são arrancados às grandes paredes por essas águas e, sempre — mesmo quando são apenas um fiozinho de prata —, o regato vai cortando e cortando. Alguns desfiladeiros têm vários quilómetros de comprimento e devem ter levado milhares de "luas das colheitas" a formar-se.

Nos desfiladeiros, onde há humidade e abrigo contra as tempestades, cresce todo o tipo de árvores: grandes abetos com sessenta metros, *maples* e bétulas, e muitas flores bravias; e, ao longo de alguns, foram lançadas estreitas "veredas do búfalo de fogo" — três pés e meio de largura — para que possais viajar na canoa do búfalo de fogo (o comboio) e ver as rochas elevar-se trezentos metros por cima de vós. São visões grandiosas. O Desfiladeiro Cheyenne tem apenas uma milha de extensão e faz-se bem a pé, seguindo o regato — ora por uma margem, ora pela outra —, descansando debaixo das árvores, escutando a água a saltar sobre as pedras ou a correr alegremente.

Quem me dera que estivésseis aqui, faríamos um "*nicpic*" no Desfiladeiros Cheyenne; quando se chega ao fim, há um espaço redondo como um teatro e, por um dos lados, a água desce em três ou quatro quedas, compondo um lindo quadro. Agora o regato vai pequeno, porque as neves se derreteram nas montanhas, mas nunca seca de todo; e, aqui, nesta grande rocha, sentamo-nos a ouvir a água e a vê-la tombar das penedias — e eu dar-vos-ei um poema.

NO DESFILADEIRO CHEYENNE *(poema em verso rimado)*

Murmuras, murmurando sem cessar,
ó fio de prata em marcha para o mar;
por que razão não paras de tombar?
Que força imensa te há de aqui travar?

Linha de prata a rasgar as serranias,
flor de clarão que cai do céu distante,
ó água mística das velhas nascentes,
conta o que as eras te deram por diante.

Responde a queda-d'água: «Eu venho de longe;
meus mananciais no alto se ergueram;

procuro o oceano — luto, sigo, arrojo-me —,
não posso descansar: ir-me-ei, porque o querem.

Vede as escarpas que esculpi, sem cansaço;
há eras e eras que resisto e avanço;
tombando às vezes para o negro abraço,
caiu-me a luz — e o sol brilhou no remanso.

Por muitos sítios deixei meu cantar,
cavando recantos p'ras flores vingar;
às raízes do abeto eu vou lavar
e as aves vêm — conhecem-me o sonar.

Mas tal qual o espírito busca o eterno,
abrindo caminho na rocha do chão,
e encontra repouso no seio superno,
no oceano donde nasce a criação,

ergui-me em neblina, em vapor distante,
voltei como espírito à terra anelante;
agora o eterno chama-me, é vibrante:
corro ao berço onde as águas são nascente.»

MONTE CALVO (*Bald Mountain*)

(Escrito por Ouina, através da sua médium, no Colorado.)
Silver Cliff, Colorado — 20.º sol da 7.ª lua, 1882

MEUS PEQUENINOS: — Este lugar fica a dois mil pés acima de Colorado Springs. A "Lírio-de-Água" e a "Safira" vieram para aqui na estreita vereda do Búfalo de Fogo anteontem, no dia antes do Dia de Dod. Seguem o vale até Pueblo e Canon City; depois um ramal da via galga desfiladeiros acima. Quem me dera que vísseis as curvas e meandros — nem acreditaríeis que o búfalo de fogo se aguenta nos trilhos de ferro, mas aguenta.

Os desfiladeiros é estreito e, de ambos os lados, erguem-se altíssimas rochas e montanhas: ora como muralhas lisas, ora em agudos dentados; a inclinação é sempre a subir, acompanhando o curso de água durante três horas, e então surge este vale, que bem se pode chamar "vala" entre montanhas, pois, embora esteja a vários milhares de pés acima de vós, ainda daqui se veem cumes com 14 000 pés (mais 6 000 do que aqui). O lugar toma o nome de uma escarpa com muito minério de prata, mas de "baixa lei", e concluiu-se que não compensa

explorá-la. O vale é belíssimo — terá uns mil quilómetros de comprimento por cinquenta de largura — e, de todos os lados, as encostas sobem até aos contrafortes; de certos pontos contam-se seis cordilheiras distintas, uma para além da outra. A vila tem pequenos "tipis" (casas) que parecem caixas — alguns um pouco maiores —, mas, quando o frenesim do ouro ou da prata esmorece, toda a gente parte.

Um pouco de lado, quase a meio desta bacia inclinada, ergue-se um outeiro alto chamado Monte Calvo; fica a uma milha daqui até à base e outra milha da base ao topo, com trilho em cerca de dois terços do caminho. Ontem, a Safira e a Lírio-de-Água subiram até ao cimo e olharam um quadro de beleza: a oriente, via-se o Pikes Peak (pois agora estão do outro lado dessa cadeia, depois de a contornarem, primeiro para sul, depois para oeste).

A norte e a oeste, viam-se seis ou sete cordilheiras; a oeste, o Horn Peak e muitos mais; e, muito a sul, uma longa cadeia e os Picos Espanhóis. Dir-se-ia um vasto Templo para adorar o Grande Pai. As nuvens e as tormentas aferram-se às montanhas e, ontem, choveu e nevou nos montes, mas o vale esteve ameno.

Há aqui muitas flores selvagens; algumas, que no leste são de cultivo, crescem aqui bravias e fazem um brilhante tapete. Por todas as planícies e encostas veem-se pequenos montes de terra e pedras revolvidas; à primeira vista parecem tocas de algum bichinho, mas são "poços de prospeção", abertos por quem procura filões de ouro ou de prata; às vezes, cavaram-se minas fundas e abandonaram-nas, porque, embora as "indicações de superfície" fossem boas, pouco mais havia.

A pouca distância (seis ou sete milhas) fica a famosa mina Basset, de onde se tiraram vários milhões de wampuns em minério. Nem toda a gente cava: muito, muito perto da base das montanhas, veem-se manchas de verde claro e escuro — são quintas, ou *ranches*, onde criam gado, ovelhas e aves, e muitas hortaliças; e onde as pessoas vivem em engraçadas cabanas de troncos, mas com ar puríssimo e água límpida dos regatos de neve que descem das montanhas; aqui as aves bravias gostam de vir por sombra e abrigo; e, por vezes, surgem veados das montanhas e o leão-da-montanha; mas pouco se veem, desde que o rosto-pálido chegou e enxotou o homem vermelho.

MONTE CALVO

(**Bald Mountain**)

Sozinho fico, e as minhas irmãs colinas,
Em veste vernal, reúnem-se além;
Junto a ribeiros límpidos, nas campinas,
E em desfiladeiros de abeto, quedam-se bem—
E eu só, sozinho, além.

Em torno, a planície ondula sem fim,
Ora verde de estio, ora branca de invernia;
As aves selvagens cantam sobre mim,
Depois vão-se aos vales cheios de alegria,
Sem ver minha agonia.

Não tenho verdura a cingir-me o cimo;
Algumas flores, sob rocha, se escondem;
As aves procuram a sombra e o mimo
Dos fios de água fria que descem e correm—
Por mim não se detêm.

Vejo os montes-irmãos erguer-se ao ar,
Em faixas solenes a varrer céus;
Vigio, por sobre eles, a estrela a brilhar,
E nuvens em colunas, como a abrir véus
Do paraíso de Deus.

Mas para mim a velha Terra há dado
Um diadema raro, todo só meu:
Também sou Terra, e o Céu me é legado;
A púrpura aurora por mim nasceu,
Por mim a neve desceu.

E aqui estou, a provar que a solidão,
E a falta de ornato, a Deus estão perto
Quanto os declives cheios de multidão,
Quanto os caminhos por beleza cobertos—
Sem que peça concerto.

São meus as manhãs e os entardeceres,
Os meios-dias e a noite de esplendor;
Planícies e flores, e altos pareceres

Que mudam tudo ao alcance do olhar sonhador—
Tudo é meu, sempre, em flor.

QUADROS NA JANELA

(*Pintados por Jack Frost*)

Acordaram numa manhã de inverno,
Com frio e fome, sem lenha nem pão;
Nenhum carvão para o lume moderno,
Nem um graveto para a combustão.
Mas viram, curvado, um rosto luzente
Por cada vidraça a sorrir, a tocar—
Quem vinha tão cedo, com lápis ardente,
O vidro em traços de luz a riscar?

Castelos, torres, balcões e varandas,
Montes, gargantas de sombra e clarões;
Cavaleiros rápidos, longas andanças
Por cenários ricos, mil visões;
E jarros repletos de flores suspensas,
Cortinas rendadas de fino lavor,
Fadas em ramadas, figuras imensas,
E muitos semblantes de raro fulgor.

Que quadros! luas e estrelas em gelo,
Cascatas presas no brilho de vidro,
Crianças a trepar o mais alto murod'elo
Do horto longínquo—doce e lívido.
O Sol levantou-se e tocou-os, fulgente—
Eis que fugiram num sopro, num ai;
Chegou a vizinha, sorrindo, contente,
Para um Dia de Graças levá-los, bem-sai.

Tão presos ficaram às artes do Inverno,
Que a fome e o frio esqueceram, sem mais,
Até que o Sol—e o amor mais terno—
Mudaram o gelo em ouro e em paz.

A TEMPESTADE EM MANITOU

(1 de julho de 1882)

Era a manhã serena; o deus do dia
No carro de ouro ia subindo ao alto.
Sobre o "Pike's Peak" pairava leve ardentia,
Um véu de neve a flutuar sem sobressalto;
E o "Mount Cameron" ria em verde manto;
No vale, entre colinas, luz risonha;
A água de cura tinha mais encanto;
Manitou, a aldeia, estava risonha.

Vinham sofridos beber ar tão puro,
Fontes de cristal, bom pão que fortalece;
Quem crê na Natureza encontra o seguro—
Mas, quando ela se enfurece, estremece.
A meio da tarde, nuvens carregadas,
Lúcidas de relâmpago, aos montes presas,
Teciam mortalhas de chuva em rajadas,
Até que um bramido irrompeu, sem mezas.

Rugiu como oceano no desfiladeiros estreito;
O vento e as águas, feras em arrancos,
Atiraram-se à vila sem respeito—
Ninguém lhes poderia atar os flancos.
Saltou o caudal por sobre o seu leito,
Arrastando troncos e rocha partida;
Entrou pelas casas, num ímpeto desfeito,
Temeu-se o pior por cada vida.

A fúria bramia; tudo era água e pó;
Ninguém sabia quando iria abrandar;
Mais caro que terras ou ouro só
Era salvar o humano respirar.
Mas pouco durou—passou o demónio;
Cavalos, vacas sob os detritos jaziam;
Carpetes, soalhos: toneladas de pó de insónio;
A ruína em festa, e as gentes se acudiam.

Não houve vidas, tanto quanto se soube;
Amigo a amigo se chegou, bendito,
Quando o ar sossegou e a terra coube

Em paz—todos juntos, num mesmo abrigo.
Dois rapazes tinham ido a brincar
Ao Desfiladeiros de William, pela manhã;
Surpreendidos, pediram por amparar—
Ninguém por perto, socorro nenhum há.

Quando a nuvem rebentou, ficaram presos
A um velho forno de cal, de pedra e cal;
Mas um, o mais fraco, perdeu os dedos,
E o outro, impotente, não ouviu seu mal.
Passada a tormenta, o mais velho abraçado
À rocha ficou; o outro já se fora—
Pais e amigos seguiram o curso irado;
Sua vida, na noite, partiu sem demora.

Ao longe acharam o corpo ferido,
Batido e rasgado—ó mãe, pai, chorai!
Mas lembrai: onde os anjos dão abrigo,
Vosso menino em segurança vai.
Na manhã seguinte, o deus Sol brilhava
Tão claro como desde o mundo antigo;
Sabatina paz no ar pousava;
De árvore, ave e homem, um louvor amigo

Subia ao Deus por tanta graça e bem;
E súplica ao Trono de Amor subia,
Pela divina graça que consola além.
Frio e imóvel, contudo, a forma jazia
Junto de corações a sangrar;
Nenhum sol de sábado o aquecerá;
As setas da dor não deixam de picar—
Mas há bálsamo para todo o penar.

Na casa do espírito, acima do véu,
Todos os amados se reencontram;
E antes ainda, na terra e no céu,
Sente-se uma presença que os envolve e afronta:
Mais perto e mais doce, seu tom agora;
Quando as nuvens do mundo se desfizerem,
Vê-lo-eis, a cada dia, sem demora,
Em luz de amor e morte a embelezar quem querem.

O DOM DE MANITOU

Em "Manitou" (o Pai, o Poderoso) há "fontes de cura", ou águas minerais que borbulham da terra; cada nascente tem "remédio" diferente: soda, magnésia, sal, ferro, enxofre e muitos outros minerais. Algumas águas vêm bem quentes, próprias para "banhos". Todas estas fontes ficam perto do sopé de Pikes Peak, e ergueram-se vários "wigwams-hotel" para acolher forasteiros e doentes que ali buscam saúde. Há passeios de carruagem, veredas e trilhos pelas montanhas e desfiladeiros; correm ribeiros límpidos, há flores e árvores belíssimas e muitos fraguedos enormes.
Manitou é o nome da povoação junto das fontes, e as nascentes chamam-se *manitou* porque o índio supunha que eram dádiva do "Grande Espírito" para a cura do povo — e creio que tinham razão nessa fé.

ROSA DE AMOR E DEVER

(Poema de Nome para Miss Phebe McCarroll)

Se a Verdade e a Constância, neste chão,
Tivessem símbolos dignos de cantar,
E os brandos Deveres, laços de união
Que o pensamento e o Amor sabem tecer sem par;
Se houvesse nome que soubesse figurar
Pés prontos sempre, mãos que sabem resguardar
O coração que nunca andou tardio,
Mente firme e serena em seu brio,
Que cumpre, em silêncio, a sua vontade,
Então diria a tua claridade.

O teu viver assim se desenrola:
Cheio de cuidado e de ternura,
O que dá forma à beleza que descola,
E, sem saber, o todo a luz assegura.
Qual flor em plena floração,
Que, sem dar conta, espalha a claridade,
Levas à casa a doce mansidão,
Pureza e brilho em suave suavidade.

Mas há firmeza em ti: ousar, fazer
O que te pesa justo, com brio;

Transpor barreiras, tudo desfazer,
E pôr o espírito livre do desvio.
Nem mesmo o amor te faria errar:
Pode ferir-te a dor, abrir-te o trilho,
Mas canta o espírito o seu cantar,
Sem dar ao mundo o vão brilho.

Uma Mão se estende junto a ti,
Pinta com luz — artista do infinito —,
Teu ar é pergaminho de marfim,
Flor pura e clara em cada rito.
E essas dádivas que descem lá do alto
São fé fiel e amor no mesmo salto.
Toma estas linhas por dever e graça:
A Rosa do Amor e do Dever em ti se enlaça.

AVE CANORA DE LUZ

(Poema de Nome para Miss Laura McCarroll)

A ave nasceu p'ra cantar;
Por que razão calar?
O ar nasceu p'ra a asa voar,
Para as aves no ar adejar.
Por que poríamos rédea ao ar, ao som?
O espírito espalha o júbilo que tem;
Melhor o riso do que a aflição,
E a vida pisa leve também.

Tão viva como um raio a cintilar,
Tão livre como a água em correr;
Tão célere como a nuvem de abril no ar,
Tão rara no seu parecer—
Se a dor te toca, mal te roça a pele,
Não fica em ti, não te detém;
Passa qual nuvem de primavera e some-se ele,
Deixando o espírito alegre e bem.

Canta e dança ao sol que te acarinha,
Que a vida é toda luz a reluzir;
Mas há por baixo, onde ninguém adivinha,

Pensares ternos a entretecer e a florir.
O amor é a fonte que te move e guia,
Ainda que o riso brilhe em teu olhar;
Nem dever, nem montanha de agonia
Te fazem curva ou te podem tolher o andar.

Pés disponíveis, coração pronto e inteiro,
Transbordas obras de puro amor;
Mãos cheias de bondade, firmeiro
Teu labor prova o seu valor.
Canta enquanto a manhã é luminosa,
Enquanto o dia escorre claridade:
A vida ensina a cada alma a sua rosa—
Eu te nomeio Ave Canora de Luz e Claridade.

PÉROLA

(Poema de Nome para Miss Edna Douglas)

Se vieres comigo ao lugar
Onde as aves cantam sem cansaço,
Eu mostrar-te-ei seu lar, seu descansar;
Se vieres onde a asa pede abraço,
E o voo quer repouso, doce ninho,
Eu mostrar-te-ei encanto, calmo caminho.

No ermo abrigado, em doce solidão,
Naquela casa formosa e recolhida,
Vem no silêncio ouvir a canção,
— Oh, vem — que embala a floresta florida.
No chão desabrocham mil flores leves;
Os ribeiros dão prata em fios breves;
E do deserto erguem-se incensos finos
Que abençoam a terra em claros hinos.

Assim é o teu espírito, ó criança gentil:
Ave canora em lar abrigador,
Flor bravia, terna, doce e sutil,
Por onde pisa a margarida em flor.
Afeita, verdadeira, amável, branda,
Sem ousadia altiva que desmanda;

Buscando sempre o melhor para enlaçar
E as flores mais suaves para guardar;
Cedendo no coração a cada ensejo
A graça de cada eleito apego.

Eu poderia dar-te mil alcunhas:
Pelo pássaro do bosque a gorjear;
Pela água doce em murmurações fortuitas
Que veste a solidão do seu luar;
Pelas violetas que luzem como o céu,
Pelas rosas cujo brilho não desfaleceu,
Provando que o amor está por perto.
Mas dar-te-ei o nome que em ti acerto,
Que vejo em vida e coração sem véu:
— Pérola — dada à pureza por troféu,
Escudo contra a lida e o desvario cruel.